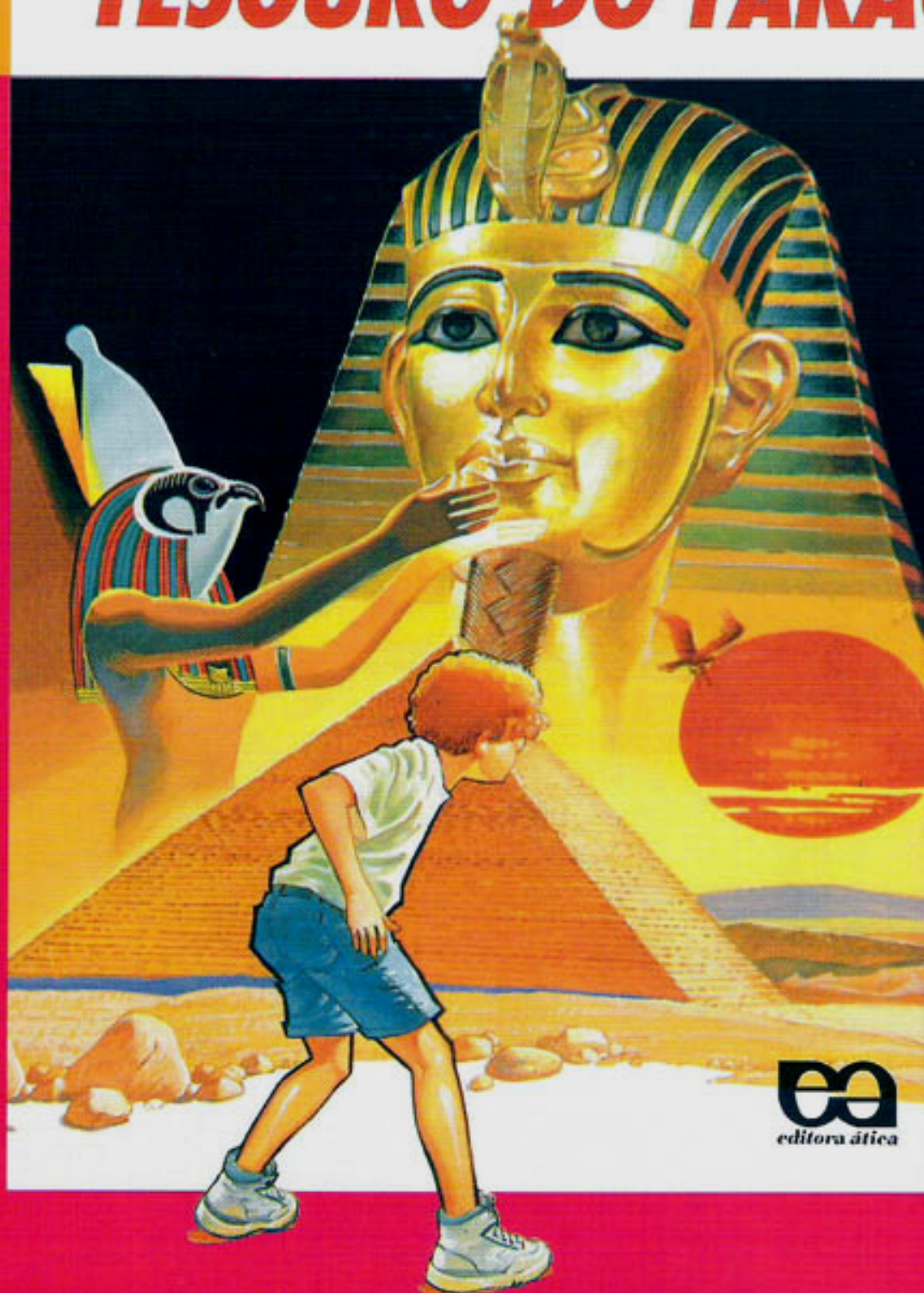




Vaga-Lume

Sérsi Bardari

A MALDIÇÃO DO TESOURO DO FARAÓ



ea
editora ática

Sérsi Bardari

A MALDIÇÃO DO TESOURO DO FARAÓ

Série Vaga-Lume

Editora Ática

4ª edição
1995

TEXTO

Editor:

Fernando Paixão

Assistente editorial:

Carmen Lucia Campos

Preparação dos originais:

Denise Azevedo de Faria

Suplemento de Trabalho:

Maria Aparecida Spirandelli

ARTE

Editor:

Ary Normanha

Capa e ilustrações:

Daniel Muñoz

Diagramação e arte-final:

Fukuko Saito

Antonio Ubirajara

Coordenação de composição:

Neide Hiromi Toyota

E-book:

Enviado por: The Flash

Revisão e formatação: SCS

SUMÁRIO

OS MISTÉRIOS DO EGITO	4
UM JOVEM AUTOR DE OLHO NO SEU TEMPO.....	4
1. A PAIXÃO DE PÉRICLES	5
2. JOVENS INFELIZES!	6
3. UMA BONECA AEROMOÇA.....	7
4. QUE FRIO!	10
5. A MALDIÇÃO DO FARAÓ	12
6. A LUA TEM UM DEUS	13
7. QUE CARA LINDO!	17
8. VÔO SOBRE O EGITO	18
9. INDIANA HOTEL	18
10. OLHE QUEM VAI PASSEAR COM A GENTE!	20
11. COINCIDÊNCIAS DEMAIS	22
12. QUAL É O ENIGMA DA ESFINGE?	23
13. QUEM ESTÁ AÍ?	25
14. FARAÓS DO NILO	28
15. A COROA DE TUTANCÂMON	30
16. NADA CONTRA, NEM A FAVOR	32
17. O MAPA DO MUSEU	35
18. A NOTÍCIA DO ROUBO CHEGA AO BRASIL.....	37
19. VOCÊ É A MINHA RAINHA!.....	41
20. "DECIFRA-ME OU TE DEVORO"	42
21. NÓS ESTAMOS PRESAS?!	45
22. ECOS DO SAARA	48
23. LAÍS VAI A GUERRA	51
24. CONVERSAS COMPROMETEDORAS	54
25. UM DEPOIMENTO IMPORTANTE.....	57
26. A TRÍADE TEBANA.....	59
27. UMA TURISTA CURIOSA	63
28. LAÍS E ROXANA TÊM UM SEGREDO	68
29. LAÍS TEM UM PLANO.....	71
30. SURPRESAS	75
31. POR CAMINHOS DIFERENTES.....	77
32. CADA MOMENTO, CADA EMOÇÃO	80
33. UM PLANO MUITO PERIGOSO	84
34. MINHA AMIGA DO JAPÃO	86
35. UM PACOTE PARA PRESENTE	87
36. ACABOU O SEGREDO.....	90
37. CIRO DECIFRA O ENIGMA	91

Para Lino de Albergaria,
com meus agradecimentos
a Elizabeth Salum e
Carmen Lucia Campos

OS MISTÉRIOS DO EGITO

Você sabe em que época foram construídas as pirâmides do Egito? Aproximadamente três mil anos antes de Cristo. E elas não são as únicas obras fabulosas da avançada cultura egípcia na Antiguidade. Até os dias de hoje, essa civilização mantém seu fascínio, principalmente porque muitos de seus aspectos permanecem desconhecidos ou inexplicáveis.

Foi pensando nisso que Péricles e seus filhos Ciro e Roxana resolveram fazer uma viagem de férias a esse país longínquo, sem imaginar que a excursão se transformaria num agitado caso de polícia.

Aventura, suspense e muita emoção são os principais elementos desta história envolvente, criada por Sérsi Bardari. Vire a página: você vai conhecer segredos de uma das mais enigmáticas civilizações de todos os tempos e se envolver em uma eletrizante trama de mistério.

UM JOVEM AUTOR DE OLHO NO SEU TEMPO

Quando era pequeno, Sérsi Bardari costumava dizer que ia ser arquiteto. Desde 1954, ano em que nasceu, sempre morou em apartamento e logo se acostumou a olhar São Paulo pela janela.

Como crescia aquela cidade! Cada vez maior e mais agitada, fazendo as pessoas sentirem-se, assim, meio sozinhas.

Ainda criança, Sérsi descobriu a leitura como companhia. Uma companhia que o desviava, aos poucos, do caminho da arquitetura e lhe ensinava a gostar de poesia.

E os primeiros versos do adolescente acabaram por levá-lo para profissões onde a escrita é importante. Hoje, formado em publicidade e jornalismo, Sérsi desenvolve vários trabalhos nessas duas áreas e escreve para jovens, sua atividade favorita.

Com o *Cigano de Itaparica*, seu livro de estréia, foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte, na categoria revelação. Depois vieram *A fábrica de fazer pano*, *Cibele do Circo* e *Diário de classe*, todos para o público infanto-juvenil.

A maldição do tesouro do faraó nasceu da vontade que o Autor tinha de dividir com os leitores a emoção que sentiu ao viajar para o Egito e entrar em contato com suas lendas, seus mistérios e sua história.

Conhecer esse país, em que se misturam passado e presente, fantasia e realidade, é uma aventura fascinante. Prepare-se para embarcar nessa história de Sérsi Bardari e fazer uma viagem e tanto!

1. A PAIXÃO DE PÉRICLES

Ultimo dia de aulas. Os alunos podiam se considerar de férias. Bom, nem todos. Roxana e Ciro, em vez de comemorar com os colegas, aguardavam impacientes o carro do pai. O garoto pediu à irmã para olhar de novo o relógio.

— Já está atrasado cinco minutos! — ela comentou.

No mesmo instante, os dois reconheceram o barulho de uma buzina do outro lado da rua. Correram até lá.

— Puxa, pai, assim a gente perde a prova da Cultura Inglesa! — protestou a menina, abrindo a porta do automóvel.

— Desculpem, mas estes dias ando correndo como um louco — explicou Péricles, o pai.

Roxana foi pegando os livros de História egípcia do banco da frente e passando para o irmão.

— Põe estas coisas do papai aí atrás, Ciro!

O menino folheou por um instante os livros. Uma certa fotografia chamou sua atenção. Era a estátua dourada de um jovem faraó. Ciro ficou olhando intrigado para aquela imagem quando, de repente, o pai deu uma freada brusca. O livro escorregou de suas mãos e foi parar no chão do automóvel. Um carro havia cruzado a preferencial a toda velocidade e por um triz Péricles não batia.

— Ai, que susto! — exclamou Roxana. — Que homem louco!

— Época de fim de ano é sempre assim... — reclamou o pai, dando a partida outra vez. — Todo mundo com pressa. Até eu... Vocês nem imaginam o que eu tenho pra fazer lá na universidade!... Corrigir os trabalhos finais, passar as notas dos alunos, um monte de coisas. E tem ainda os preparativos da nossa viagem. Quanto antes tudo ficar pronto, melhor...

— Puxa, parece que essa hora não chega! — disse Ciro.

— Passa logo! — tranqüilizou o pai.

O tráfego de São Paulo estava mais engarrafado do que nunca. E com o verão começando, a cidade parecia ainda mais poluída. Ao pararem num sinal vermelho, o pensamento de Péricles aproveitou para fugir daquela agitação.

Ele lembrava das coisas positivas que lhe aconteceram durante o ano. A aprovação para um nível mais alto na Universidade de São Paulo e a viagem que planejou para as férias. Economizou bastante nos últimos tempos. Com muito sacrifício, cortou despesas de tudo quanto foi lado. Porém, isso não tinha mais importância. Contando também com a ajuda da ex-mulher, agora ele poderia levar os filhos para conhecer a história de uma antiga civilização. Ele ia poder partilhar sua grande paixão com Ciro e Roxana, já ficando adolescentes.

O sinal abriu.

— Você tirou os passaportes, pai? — perguntou Roxana, quebrando o silêncio.

— Ainda não, amanhã vou levar nossas fotos e os documentos para o despachante... Mas, em compensação, já defini o roteiro. Vamos primeiro para Londres.

— Londres!? — interrompeu a menina. — Pensei que nós íamos para o Egito!

— E vamos — retomou o pai. — É que na Inglaterra estão antigüidades egípcias importantes, todas expostas no Museu Britânico.

— Ué — exclamou Ciro. — Você não gostou, Roxana?

— Claro que eu gostei! — respondeu a menina. — É que eu não sabia, só isso! Pelo jeito, essa viagem vai ser melhor do que eu esperava.

2. JOVENS INFELIZES!

Leia com atenção. Era o que estava escrito em inglês no alto da página. Logo abaixo vinha o título: *Old and young people*. E o texto da prova de inglês retratava o conflito de gerações na Inglaterra, numa pesquisa em que se constatava que os jovens de hoje em dia eram mais tristes do que os adultos.

Roxana, pensativa, olhava para a prova, decidindo por onde começar. De repente, num gesto rápido, ela jogou os cabelos compridos para trás e, de caneta em punho, debruçou-se sobre o papel como quem arregaça as mangas e diz: mãos à obra!

Lendo devagar, a garota buscava compreender bem cada palavra. Sua mente, no entanto, corria na frente, captando o sentido do texto.

"Jovens infelizes!", pensou.

Ela não era infeliz nos seus 13 anos de idade e gostaria de entender as razões dessa infelicidade. Imaginou as crianças que via nas ruas e depois se lembrou dos punks nas fotos de revistas inglesas. As respostas

estavam na prova. Não existia miséria naquele país, mas havia desesperança, falta de perspectiva. E muitos jovens se tornavam agressivos, a começar pela aparência.

Ciro, a todo instante, era obrigado a ajeitar os óculos, que teimavam em escorregar nariz abaixo, junto com o suor.

— Droga! — xingava pra dentro.

Os óculos eram um estorvo, ainda mais para quem tinha 11 anos e gostava de fazer tantas coisas que não combinavam nada com aquela armação pendurada na cara. Mas não era hora de se preocupar com isso. Lá estava a prova e tinha tempo marcado para terminar.

"Por outro lado, as tradições da Inglaterra..." — continuava o texto.

E Ciro penetrou num mundo de rainhas, príncipes e princesas que dispersou novamente a sua atenção. Quantas histórias tinha ouvido com aqueles personagens! Cada reino com seu rei. E que coisa mais antiga a Inglaterra ter reis até hoje! Há milhares de anos já existiam no Egito, como o tal faraó que ele viu no livro do pai.

"Puxa, ainda falta um mês e meio pra eu ver aquilo tudo!", pensou.

Roxana sentia a mesma ansiedade. Olhou para o relógio. Dentro de dez minutos ela teria de entregar a prova.

"Bem que o tempo podia passar voando mesmo! Bom vai ser quando faltarem dez minutos para a nossa viagem!"

3. UMA BONECA AEROMOÇA

Enfim, janeiro havia chegado e também o dia da partida. Faltavam apenas dez minutos. No aeroporto internacional de Cumbica, a voz do alto-falante anunciava o número do voo.

— É o nosso avião — disse o pai.

Nem o menino nem Roxana imaginavam passar por tantas formalidades. No guichê da Polícia Federal, um homem pedia o passaporte e consultava o computador. No portão seis, por onde eles deveriam embarcar, estava um funcionário uniformizado, conferindo os cartões de embarque.

"Esse deve ser o último", pensou Roxana.

Mas ainda havia outro policial, fazendo todo mundo passar debaixo de um arco de metal, enquanto seus pertences de mão seguiam sob um túnel, através de uma esteira rolante.

— Pra que tudo isso, pai? — perguntou Ciro.

— É um controle, para ver se ninguém está levando alguma arma escondida.

E por fim, eles passaram por um tubo sanfonado, que levava direto para dentro do avião.

Algumas aeromoças ajudavam as pessoas a encontrar os seus lugares. Quase todas loiras, altas, falando em inglês, já fazendo com que Ciro e Roxana se imaginassem em outro país.

— Desde novembro sem aulas, como está o inglês de vocês? — perguntou Péricles.

— Por enquanto tubo bem — respondeu Roxana.

— *This way, this way...* Foi só isso que elas disseram! — debochou Ciro.

As pessoas iam se ajeitando, acomodando sua bagagem de mão. A campainha soou, anunciando a voz do comandante. A ordem era apertar os cintos de segurança e não fumar. O avião se dirigia para a cabeceira da pista e num instante sobrevoava a cidade.

Olhando pela janela, as ruas de São Paulo iam diminuindo. Roxana viu o rio Tietê ficando cada vez mais comprido e os carros cada vez menores. Pequeno também estava o seu coração, apertadinho, com uma ponta doída de saudades da mãe. Ela tinha ajudado a fazer as malas, dobrando cada peça com carinho, contando coisas engraçadas das suas viagens e sempre dando alguma dica.

— Este vestido aqui fica melhor à noite. Se vocês forem a algum jantar... — ela aconselhou.

— Tchau, mãe — disse Roxana para si mesma.

O avião já ia alto. As lembranças da despedida se desmanchando junto com as nuvens lá fora. Péricles, compenetrado, lia um jornal. Ciro pareceu sintonizar os pensamentos da irmã e comentou em voz baixa, para o pai não ouvir:

— Que pena! Se papai e mamãe não estivessem separados, ela bem que poderia estar aqui com a gente!

Roxana fez que sim com a cabeça, a fisionomia ainda triste. Mas os acontecimentos de um vôo internacional são tantos que ela acabou se distraindo.

Através de um fone de ouvido, conectado no braço da poltrona, podia se ouvir *rock*, música clássica, *jazz*. Uma revista de bordo apresentava o roteiro das programações do rádio e também do cinema, com horários e nomes dos filmes. Ciro ficou impressionado.

— Nossa, dois filmes? Quantas horas de viagem, pai? — perguntou.



Durante o voo, as comissárias passavam vendendo gravatas, brinquedos, perfumes e artigos típicos da Holanda.

— Acho que esqueci de falar pra vocês... São doze horas de vôo.

As comissárias, além de servirem comida e bebidas, passavam com um carrinho vendendo gravatas, brinquedos, perfumes e artigos típicos da Holanda. Roxana quis comprar uma boneca vestida como as aeromoças da KLM, a companhia holandesa em que viajavam.

Durante o vôo, as comissárias passavam vendendo gravatas, brinquedos, perfumes e artigos típicos da Holanda.

— E você, Ciro? O que vai escolher? — Péricles perguntou.

O garoto tentou se interessar por alguma coisa, mas não gostou de nada.

— Esses brinquedinhos aí não são pra mim, já passei da idade faz tempo. Não vou dar uma de Roxana, que está querendo brincar de boneca outra vez...

— Quem sabe ela não está pensando em ser aeromoça? — o pai brincou.

— Vocês não estão entendendo nada — explicou a menina. — Eu só quero guardar uma lembrança desse começo da viagem.

E ajeitou com cuidado a roupa da boneca. Afinal, não tinha nada de mais brincar um pouco, desde que ninguém ficasse sabendo...

4. QUE FRIO!

— Lá fora deve estar bem frio! — disse Roxana, segurando o casaco num braço e a boneca no outro.

O dia estava cinza. Uma luminosidade branca e tênue, filtrada pela névoa, fazia brilhar o asfalto molhado do aeroporto de Heathrow, em Londres. Ciro foi o primeiro a sair do avião e alcançar os corredores.

— Ei, espere um pouco! — chamou o pai.

A iluminação interior clareava o rosto fatigado de Péricles. Ele parou num canto, remexendo nos bolsos à procura dos passaportes. Mais à frente, começava a fila da alfândega, que era longa e parecia demorada.

Quando chegou a vez deles, os filhos se esforçavam para escutar o que o policial falava com o pai.

— Qual o motivo da viagem de vocês?

— Turismo — respondeu Péricles.

— Quanto tempo pretendem ficar? — continuava o homem, com um jeito sisudo.

Ciro e Roxana mal entendiam, de tanta ansiedade.

— Não foi bem esse o inglês que eu aprendi — comentou a menina.

— Eles falam muito rápido — concordou o irmão. — Mas logo a gente se acostuma.

O policial carimbou os passaportes e, desfazendo o ar sério num leve sorriso, desejou boa viagem.

— *Have a nice trip!*

A frase soou clara, limpa, com todo o seu significado ecoando na mente dos dois. E eles agradeceram.

— *Thank you... thank you!*

Na sala de desembarque, transitavam tipos diferentes de pessoas, num intenso vaivém. Gente de diversos cantos do mundo, com seus trajes característicos: indianos, árabes, africanos.

Péricles estava feliz e buscava nos filhos o reflexo da própria emoção.

— E então, o que estão achando? — perguntou.

— Puxa! — exclamou Roxana, enquanto Cyrus olhava atento para a esteira rolante, já localizando as malas.

O pai separou o dinheiro. Tinha de trocar dólares por libras. E eles atravessaram o salão principal em direção à casa de câmbio.

Feita a transação, desceram em seguida a rampa do metrô. Um barulho vindo de dentro do túnel anunciava a proximidade do trem, que irrompeu na estação diminuindo a velocidade. Ao estacionar e abrir as portas, liberou o ar aquecido do interior dos vagões.

— Como é quentinho aqui dentro! — Cyrus comentou.

A composição seguia pela superfície, desvendando a paisagem encoberta pela neblina. Eram visíveis apenas algumas árvores secas e as casas mais próximas, todas muito parecidas, com seus tijolos aparentes. Mas logo o trem estava correndo debaixo da terra, anunciando cada parada.

— *Tottenham Court Road*, é aqui que vamos descer — avisou o pai.

Ao deixarem a estação, numa rua do centro de Londres, o vento bateu gelado. A cidade parecia ser grande, agitada, com muita gente agasalhada dos pés à cabeça, andando rápido pelas calçadas.

Ciro fechou o casaco até o último botão.

— Que frio! — exclamou Roxana meio atrapalhada, tendo de carregar a bagagem mais a boneca, enquanto procurava na bolsa seu par de luvas.

Enrolando o cachecol no pescoço, Péricles pedia ajuda numa esquina para localizar o hotel da rua Bloomsbury.

— *Go ahead three blocks and then you turn left* — informou um homem de sobretudo e chapéu.

— Vamos! — chamou o pai. — É a terceira travessa à esquerda, nesta direção.

5. A MALDIÇÃO DO FARAÓ

Os três estavam prontos para sair. No quarto do hotel, Péricles consultava o mapa.

— Podemos tomar um ônibus para Picadilly Circus e ver um pouco do centro de Londres — sugeriu o pai.

— Aquele ônibus de dois andares? — quis saber Ciro.

— Oba! — exclamou a irmã, gostando da idéia.

A cidade trocava o dia pelo ritmo mais descontraído da noite. As luzes mostravam outros ângulos dos edifícios. Pessoas se reunindo nos *pubs*, os bares tradicionais da Inglaterra. Artistas desenhando com seus cavaletes nas calçadas. Músicos se apresentando em troca de moedas. E *punks*, vários deles, sentados nas escadarias dos monumentos.

— Esses aí devem ser os tais infelizes do texto da prova de inglês... — Roxana comentou com o irmão.

Ciro apenas olhava aqueles jovens, sem saber o que pensar. O pai chamou para entrarem numa livraria, imensa. E eles percorreram as várias seções. Nas estantes, livros sobre quase todos os assuntos. Roxana se interessou mais pelos de literatura. O irmão acompanhou o pai, consultando guias turísticos do Egito.

A Maldição do Faraó era o capítulo de um deles. A tal lenda, pelo que o menino conseguiu entender, estava ligada aos tesouros enterrados com o jovem faraó Tutancâmon, morto quando tinha dezoito anos. O túmulo só foi encontrado no século 20, por pesquisadores ingleses. Depois de algum tempo, Lord Carnavon, o chefe da expedição, e alguns dos seus auxiliares acabaram morrendo em circunstâncias misteriosas. E, desde então, muita gente acredita que quem tocar nos tesouros de Tutancâmon, cedo ou tarde acaba morrendo por causa da maldição.

— Será que isso é verdade? — Ciro resumiu para o pai o que tinha acabado de ler.

— Existe uma teoria de que um tipo de fungo estava há milênios inativo na tumba, entre os pertences do faraó. Quando os pesquisadores abriram a câmara, ele se reativou e contaminou as pessoas. Mas isso aconteceu na época das escavações. Hoje, todas as peças encontradas estão no Museu do Cairo — Péricles quis tranquilizar o filho.

— Mas é só uma teoria ou está provado?

— Bom, é a hipótese mais provável...

"Hum" — Ciro resolveu fechar o livro, ainda desconfiado. E decidiu procurar um guia de Londres, esquecendo um pouco aquela história de mortes, fungos e tesouros escondidos.

Roxana já tinha achado as publicações sobre a cidade.

— O que tem de bom aí? — perguntou o irmão.

— Passeios de barco no rio Tâmisa, roteiro de museus, parques...

— Então vamos organizar nosso passeio para amanhã! — falou Péricles. — Vamos primeiro à agência de viagens acertar a ida para o Cairo, depois ao Museu Britânico, que é perto do hotel. Daí, vocês escolhem o que querem fazer, tá bom?... Agora, é melhor a gente ir voltando, já é tarde!

A lua cheia, àquela hora, ia alta no céu, acompanhando silenciosa o caminho dos três. Ciro a sentia próxima, até mesmo no quarto do hotel, com seus raios brancos atravessando a vidraça. A mesma luz branca que ele gostava de ver iluminando telhados e também se escondendo atrás dos edifícios em São Paulo.

Ficou acordado um bom tempo, até uma nuvem fazer a lua desaparecer da sua janela. Mas ela voltou e ele já estava dormindo. Quem viu foi Roxana. Viu a lua lançando uma sombra estranha sobre o rosto do irmão.

"Nossa, ele ficou parecendo um pássaro..."

6. A LUA TEM UM DEUS

— Nossa, quanta gente! — Péricles se surpreendeu ao entrar na agência de viagens.

Todas as poltronas da sala de espera estavam ocupadas e ainda havia pessoas em pé. Ciro e Roxana se entretiam com os cartazes de turismo nas paredes. Um deles mostrava as pirâmides do Cairo.

— Logo nós vamos ver isso de perto — comentou Ciro com a irmã.
— Já pensou, que legal!...

Continuaram assim distraídos, passeando pelo salão e comentando cada foto, quando Roxana, sem querer, trombou com alguém. Era uma mulher loira, alta, carregada de jóias e babados no vestido, com cerca de sessenta anos, mais ou menos. Estava acompanhada de um homem, aparentando a mesma idade, vestindo roupa esporte e com um aspecto bem mais natural.

— *Sorry* — desculpou-se a menina à maneira britânica.

A mulher amarrou a cara, desviou e saiu pisando duro, esbravejando alguma coisa em inglês, que eles não conseguiram entender.

— Você viu como ela te olhou feio? — comentou Ciro.

— Eu não tive culpa, estava distraída...

— Ela não quis nem saber... Acho que já estava nervosa, você não achou?

— Achei muito grosseira, e estranha também. Parecia a mãe da boneca Barbie, com todos aqueles penduricalhos!

— Ah! — o irmão achou gozado. — Se ela é a mãe da Barbie, ele então, alto e magro daquele jeito, parece o Superpateta!

Os dois saíram rindo da agência e nem se lembravam mais do incidente ao entrarem no Museu Britânico. Pelo catálogo, já se podia ter uma idéia do tamanho da exposição.

— Um dia só não dá, se a gente quiser ver tudo. — Péricles foi bem objetivo: — Vamos começar pelo setor egípcio!

Ele puxou um bloco de papel e começou suas anotações, enquanto os filhos se soltavam naquele labirinto de salas. Ciro andava devagar, sentindo profundo respeito pelas imensas estátuas de deuses e faraós. Roxana, seguindo na frente, percorria o setor das múmias.

"Ciro tem de ver isso", pensou a menina.

E já ia chamando o irmão, quando percebeu vários *flashes* disparando e refletindo na pintura dourada dos sarcófagos. Uma japonesa muito elegante, com roupas da moda, fotografava em todas as direções. Admirada com a agilidade da mulher, Roxana ficou observando, sem imaginar que seria abordada.

— *Could you take me some pictures?* — pediu a japonesa, entregando a máquina para que a menina a fotografasse.

— Oh, claro que sim! — respondeu, feliz por entender o que a outra dissera em inglês.

E a mulher fez várias poses, selecionando cada cenário.

— Aqui... agora ali...

Roxana a seguia, procurando o melhor enquadramento. Uma vitrina com ornamentos reais egípcios e as jóias modernas da japonesa brilhavam, em contraste, através do visor. Clic... clic...

— Muito obrigada, você é muito gentil! — agradeceu a mulher.

— Ora, o que é isso!... — respondeu a menina, devolvendo a máquina e despedindo-se.

Ao procurar por Ciro, Roxana o encontrou ajoelhado em frente à estátua de Khonsu, o deus da lua, com corpo de homem e cabeça de falcão.

— Ciro, o que é isso, você está rezando?

O menino levantou como se acordasse naquele instante, ouvindo a voz da irmã.

— Não sei...

— Ei, você parece zozinho! — Roxana estava preocupada.

— Agora está passando, mas eu tive uma tontura olhando pra ele...
— Ciro apontou para a escultura em madeira, enfeitada de ouro e marfim, com olhos de pedras tão enigmáticos que pareciam acompanhar o movimento dos dois.

— Assim, de repente? — perguntou Roxana.

— É, de repente eu comecei a ver coisas. Era como se um alçapão abrisse, bem aqui na minha frente, e de lá de dentro uma escadaria interminável me chamasse para baixo... Meus joelhos começaram a ficar pesados, pesados, e eu caí, nesta posição.

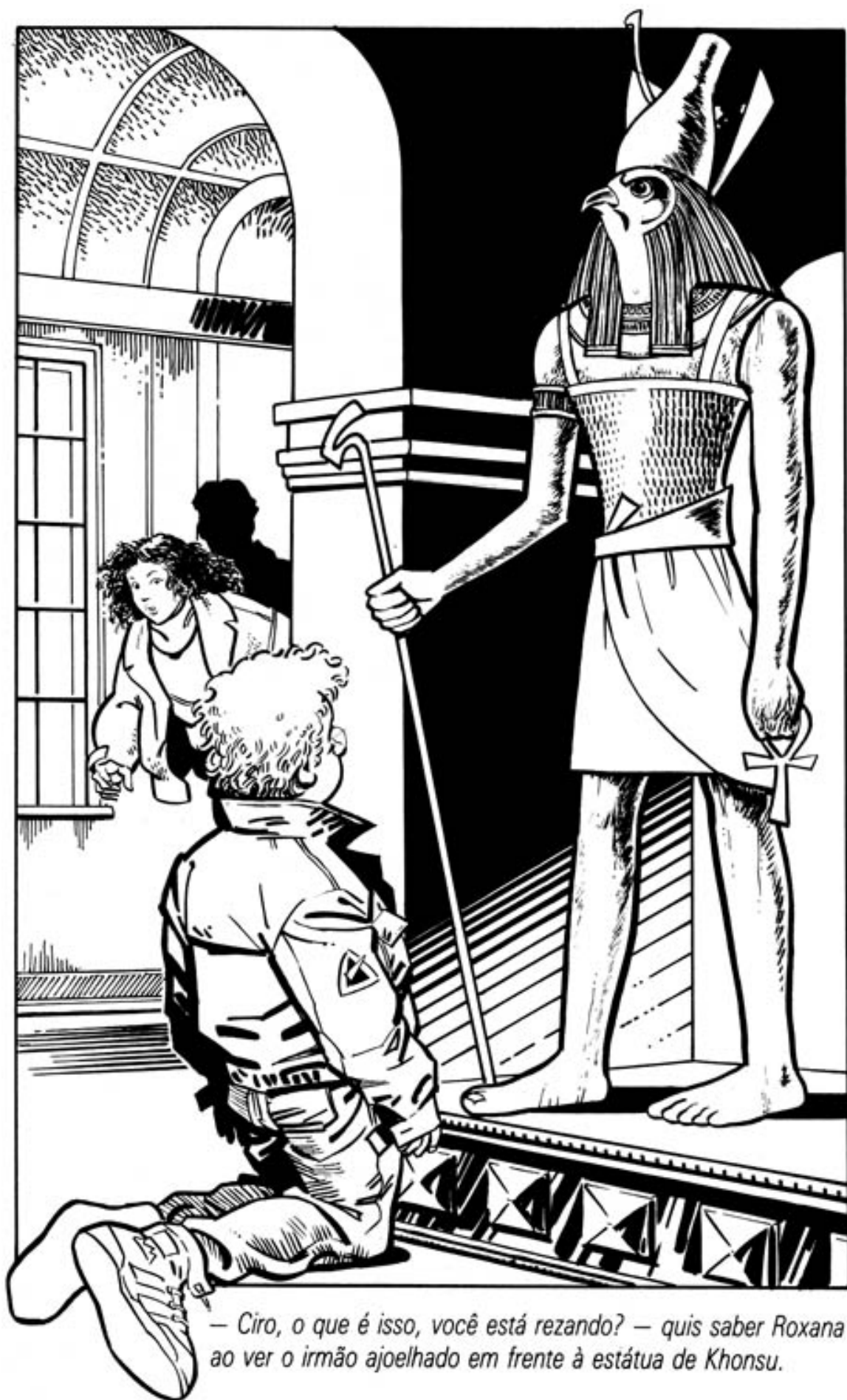
— Que esquisito! — Roxana consertou os óculos do irmão, meio tortos na cara. — Você está suado, vamos chamar o papai...

— Roxana! — Ciro segurou a irmã pelo braço. — Não conte nada disso pra ele, tá?

— Hum, não sei não...

— Olhe, eu já estou bem. E se ele souber, vai acabar se preocupando à toa.

— Tá bom, mas se você tiver outra dessas tonturas!...



— *Ciro, o que é isso, você está rezando? — quis saber Roxana ao ver o irmão ajoelhado em frente à estátua de Khonsu.*

7. QUE CARA LINDO!

— Como eu havia dito... — Péricles não esquecera sua promessa — ... agora vocês escolhem os programas.

— Vamos olhar no guia?! — Roxana sugeriu ao irmão. E os dois dias que ainda restavam em Londres foram gastos em diversos passeios. O Saint James' Park, em frente ao Palácio de Buckingham, era um verdadeiro retrato do inverno. Um extenso bosque de galhos secos, por onde o vento rodopiava assobiando.

Em Covent Garden, tudo era festa. Centenas de jovens se divertiam entre barraquinhas de doces e frutas. A feira de roupas usadas, com seus artigos das últimas décadas, era praticamente um painel sobre a história recente da moda. Bandas de rock se apresentavam na praça...

— O tempo passa mesmo depressa! — comentou o pai, lembrando sua juventude.

Ele sentiu bater uma saudade gostosa. Quantos de seus ídolos haviam começado a carreira tocando naquele lugar. Mas Péricles logo voltou ao presente.

— Acho melhor a gente ir dormir cedo, amanhã temos uma longa viagem pela frente.

— Ah! — protestou Roxana.

— Só mais um pouquinho, pai! — reforçou Ciro.

E estavam assim, nesse vai-não-vai, quando de repente ouviram um homem gritando, nervoso, perto das tendas de roupas. Roxana e Ciro precisaram forçar os ouvidos para tentar entender o que o inglês dizia. Era qualquer coisa mais ou menos assim:

— Voltem aqui, seus bandidos! Devolvam essa mercadoria. Vocês têm de pagar!

Dois punks corriam na multidão, atropelando as pessoas, enquanto o homem da loja, parado no meio do povo, hesitava entre chamar a polícia ou voltar para o seu negócio abandonado.

Um dos rapazes passou por Roxana de raspão. Tinha os olhos azuis, cabelos espetados e quase brancos de tão loiros. Vestia calça e jaqueta pretas de couro, cravejadas de metais pontiagudos.

— Que cara lindo! — disse a menina para si mesma.

— Mas o que foi que ele roubou? — perguntou o irmão.

— Acho que um casaco, não sei — ela respondeu, sem se voltar para Ciro, o olhar querendo dobrar a esquina junto com o ladrão.

"Jovens infelizes!", Roxana pensou novamente no texto da prova de inglês. O rosto maroto do rapaz marcado na memória.

— Ele era lindo!...

8. VÔO SOBRE O EGITO

O dia seguinte, os brasileiros passaram viajando. Depois de uma rápida escala em Amsterdã, na Holanda, o avião sobrevoou o Egito momentos antes do pôr-do-sol. Eles estavam ansiosos para chegar. Porém, antes de aterrissarem, o piloto fez um vôo panorâmico.

Lá de cima podia-se ver o rio Nilo, dividindo a cidade ao meio. Enormes mesquitas da religião muçulmana, apontando suas torres para o céu. E, ainda, as imensas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos.

— Iniciamos agora as operações de pouso... — anunciou o comandante. — Solicitamos a todos...

Roxana ainda se arrumava na poltrona quando olhou para o chão e viu uma boneca típica holandesa rolando. Quis pegar, mas como já estava usando o cinto de segurança, suas mãos não a alcançavam. Com o avião já inclinado para a frente, ela soltou o cinto e apanhou a boneca.

— Senta aí, Roxana! — gritou o pai.

Roxana, em pé, virada para trás, perguntava para duas moças — uma morena e a outra ruiva — se era de alguma delas.

— É sim! — responderam as duas ao mesmo tempo.

E a moça ruiva pegou o brinquedo com tanta ansiedade, que fez a menina pensar:

"Puxa, será que ela achou que eu queria roubar a boneca?"

9. INDIANA HOTEL

O aeroporto do Cairo era um tanto confuso, cheio de rampas e mezaninos. Muitas filas, muita gente falando alto, numa língua incompreensível para os brasileiros. Antes de passarem pela alfândega, uma moça morena, usando um uniforme azul e branco, interpelou-os em inglês.

— *Do you have visa?* — perguntou, com um sotaque bem diferente.

Eles mostraram os passaportes com os vistos de entrada no país. E a moça se apresentou, sempre falando em inglês:

— Eu sou Belara e vou ajudar vocês a conhecerem melhor o Egito. Por favor, me acompanhem, não precisam ficar na fila.

Pai e filhos se entreolharam, achando estranho. Mas logo conseguiram compreender. Belara era da agência Green Valley Tourism e queria vender programas turísticos.

Péricles conferiu o preço da excursão e os passeios incluídos. Pensou bem e acabou aceitando.

Belara providenciou o hotel, um táxi para levá-los e ainda lhes deu um conselho:

— Essa corrida, o senhor não deve pagar mais do que treze libras.

No Egito os táxis não têm taxímetros, e os preços devem ser combinados antecipadamente. Péricles agradeceu e entrou no carro, exausto. Ciro e Roxana conversavam entusiasmados.

— O nome do dinheiro aqui é igual ao da Inglaterra — comentou Ciro.

— E você ouviu o nome do hotel em que nós vamos ficar? — perguntou Roxana.

— Indiana Hotel! — respondeu Ciro. — Pensa que eu não reparei?

Péricles começou a comentar alguma coisa sobre a influência dos americanos no Egito, enquanto Ciro e Roxana preferiam pensar em aventuras de cinema.

— É o máximo! — disse a garota.

— Vamos procurar a arca perdida! — comentou o irmão.

Até o pai acabou entrando na brincadeira.

— Vamos bancar os arqueólogos!

— Numa história de mistério e suspense... — continuou Roxana.

— Enfrentando bandidos perigosos! — completou Ciro.

Péricles deu risada.

— Estou vendo que os filmes nos influenciaram mesmo!

Todos riram e só então começaram a prestar atenção na cidade, pelas janelas do automóvel.

Ficaram surpresos com o tamanho. Viadutos e mais viadutos passavam por cima de avenidas movimentadas. Muitas pessoas nas ruas, algumas vestidas como nas grandes cidades ocidentais, e outras usando trajes muçulmanos. Os homens com uma espécie de camisolão comprido

e um turbante. As mulheres de vestido longo, mangas compridas e véu na cabeça, amarrado ao pescoço.

Na portaria do hotel, a recepcionista pediu os passaportes e disse que os documentos ficariam retidos até o dia seguinte. Péricles estranhou, perguntando qual a razão daquele procedimento.

— Isso é uma lei aqui no Egito — explicou a funcionária. — Todos os hotéis devem recolher os passaportes, para que o governo possa registrar a entrada dos turistas. Não se preocupem, nós devolveremos amanhã, depois de carimbados.

Os três subiram para o quarto, amplo e com móveis antigos. Embora cansados, eles ainda ficaram conversando antes de dormir. Péricles folheava os guias turísticos, comentando as maravilhas que iriam ver.

— Não vejo a hora de chegar amanhã! — ainda suspirou Ciro antes de adormecer.

10. OLHE QUEM VAI PASSEAR COM A GENTE!

E a manhã chegou com um sol brilhante e muito quente. Rajadas mornas de vento, carregadas de areia do deserto, sopravam em pequenos intervalos.

— Ah, como é bom estar livre daquelas roupas pesadas! — comentou Péricles.

Na porta do hotel, os três esperavam pelo microônibus da agência de turismo. Hóspedes de várias nacionalidades entravam e saíam a todo instante.

— Puxa, que demora! — reclamou Ciro, já ficando impaciente.

E demorou mesmo algum tempo até o ônibus apontar na esquina. Vinha vazio, apenas com o motorista e o guia turístico. Lendo uma ficha que trazia nas mãos, o egípcio não pareceu ter dificuldades em reconhecer seus clientes.

— *Good morning, are you Brazilians?*

— Sim, somos os brasileiros — respondeu Péricles.

— Eu sou Said, da Green Valley. É um prazer tê-los em nossa companhia. — E, enquanto falava, consultou novamente suas fichas. — Esta, portanto, deve ser Roxana, uma das esposas de Xerxes, imperador da Pérsia — fez uma reverência para a garota. — E você — apontou para o garoto — é Ciro, o grande rei... Só mesmo um professor de História para pôr esses nomes nos filhos!

Pérides ri do comentário e o homem continuou:

— Bom, vamos andando, temos várias pessoas para pegar.

Pela janela do ônibus, agora eles viam o Cairo à luz do dia. O impressionante Nilo e as várias pontes que o atravessam. O centro da cidade avançando sobre uma imensa ilha no rio. Prédios altos e modernos em contraste com edifícios antigos, deteriorados. Nas calçadas, vendedores ambulantes oferecendo artigos típicos: papiros, essências, esculturas.

O motorista estacionou em frente a um hotel luxuoso, bem superior ao que eles estavam. Roxana, sentada à janela, teve um sobressalto e na mesma hora cutucou Ciro.

— Olha quem vai passear com a gente!

Ciro não acreditou.

— Tia Barbie, aquela mulher da agência em Londres!

— E o Superpateta, marido dela — completou a garota. — Será que ela vai se lembrar de mim?

— Não sei. Naquele dia ela parecia tão apressada!

— Pois hoje parece mais descontraída. Olha só como se desmancha em sorrisos para o Said... Disfarça, ela vai entrar!

O casal cumprimentou Pérides, no banco da frente. E a mulher, olhando por cima do encosto da poltrona, dirigiu-se também aos dois.

— *Good morning, children!*

— *Good morning!* — respondeu Ciro.

— Crianças! Tá bom, só porque ela quer — comentou Roxana em voz baixa. — Você viu como ela olhou para mim? Acho que me reconheceu!

— Você sacou de onde eles são? Parecem americanos... — desconfiou Ciro.

— Não sei não, no estojo da máquina fotográfica dele está escrito Austrália.

O ônibus rodava novamente por aquela cidade nervosa, em busca de mais turistas. Pérides estudava o mapa do Cairo, procurando localizar o trajeto que faziam. Ciro e Roxana, disfarçadamente, tentavam ouvir a conversa do casal com o guia. Mas só conseguiam captar algumas frases isoladas.

— Eu não disse que eram americanos? — Ciro se vangloriou.

De fato, eles eram da Califórnia e, pelo que os irmãos puderam entender, não queriam que ninguém soubesse.

— Contamos com a sua discrição, Said! — solicitou o homem.
Ciro e Roxana se olharam sem compreender.

11. COINCIDÊNCIAS DEMAIS

Estavam parados em frente a outro hotel. Said havia descido do ônibus e quando voltou trouxe junto dois rapazes de vinte anos, mais ou menos. Com seus cabelos loiros e espetados, eram incrivelmente parecidos. As roupas, então, só diferiam na cor das camisetas, porque os jeans rasgados e as botinas pesadas eram iguais. Assim também como as pulseiras e os braceletes de metal pontudos que usavam.

— É ele... é ele... — disse Roxana, meio engasgada.
— Ele quem? — perguntou Ciro.
— Aquele cara de Covent Garden, aquele que roubou o casaco!
— Tem certeza?!
— É claro que eu tenho!
— Qual dos dois?

A menina ia respondendo, mas emudeceu quando eles passaram pelo corredor. O mais alto lançou um olhar espichado e Roxana ficou pálida, toda sem graça.

— Já sei! É aquele com o crucifixo na orelha — adivinhou Ciro e, muito gozador, foi logo debochando da irmã. — Entender o que a gente fala, duvido que ele entenda, mas essa sua cara de apaixonada deve ser igual em qualquer lugar do mundo!

— Ah, não é nada disso! — Roxana fez um muxoxo e, mesmo sem confessar, não conseguiu esconder seu interesse.

— Será que são ingleses? — perguntou Ciro.
— Tudo indica! — respondeu a garota.

Said deu o sinal de partida. Rodaram apenas alguns quarteirões e logo pararam em mais um hotel.

— Quem virá desta vez? — perguntou Péricles, ainda entretido com o mapa, mas com a atenção também voltada para os filhos.

— Vai ver que é mais algum conhecido nosso! — brincou Ciro.

E era mesmo, por mais que o pai custasse a acreditar. Uma japonesa, finíssima, entrou no ônibus procurando lugar e, quando viu Roxana, foi direto falar com ela.

— *Hi, I'm surprised you are here!*

Roxana retribuiu o cumprimento, dizendo que também estava surpresa em vê-la e desejou boa viagem.

Péricles não podia acreditar. Era muita coincidência.

— Foi ela quem me pediu para tirar fotografias no Museu Britânico — comentou Roxana, como se isso explicasse tudo.

E se eles já estavam surpresos, surpresa maior tiveram com a entrada das últimas pessoas do grupo. Uma moça morena, com um lenço colorido amarrando os cabelos, e sua colega ruiva, de óculos escuros, trazendo nas mãos um camelo de camurça, desses que estavam à venda por toda a cidade.

Os brasileiros as reconheceram imediatamente do avião da KLM e trocaram olhares. O coração de Ciro batia apressado, Roxana quase explodia de vontade de rir e Péricles levou a mão à cabeça.

— Meu Deus, é coincidência demais! — exclamou.

12. QUAL É O ENIGMA DA ESFINGE?

Dentro do ônibus, Said esclarecia o roteiro.

— Esta ilha é uma parte do Cairo Central, vamos atravessá-la em direção ao sul. Ali, é a Torre do Cairo, com um restaurante panorâmico.

Estavam indo para Mênfis, uma das mais gloriosas capitais do Antigo Reinado. Hoje, completamente desaparecida sob a areia.

Ao chegarem, o guia reuniu o grupo e apresentou as pessoas. Ciro teve a impressão de que todos ficaram surpresos pelo fato de serem brasileiros. Mary e Charles — "tia Barbie" e o "Superpateta" — pareciam curiosos.

— Vocês estão a passeio? — quis saber Mary.

— Sim — respondeu Péricles. — Sou professor e estou de férias com meus filhos.

— Somos de Sidney, na Austrália — disse a mulher.

— Que mentirosa! — Roxana não se controlou.

— *What did you say?* — indagou a americana.

A menina corou de vergonha, mas como Mary não entendia português, ela conseguiu consertar a gafe.

— Eu disse: que legal! Gostaria de conhecer a Austrália — falou, fingindo traduzir.

Ciro e Péricles foram obrigados a conter o riso.

E a conversa continuou, Charles explicando que ele e Mary estavam em viagem de lua-de-mel.

Tomiko, a japonesa, também parecia interessada no Brasil.

— Existem muitos japoneses vivendo lá.

— Sim — confirmou Péricles. — E a maioria vive em São Paulo, onde moramos.

O americano, a seguir, parecia querer saber mais sobre as neozelandesas.

— *What's your name?* — perguntou para a morena.

— *Tina!* — respondeu a moça, dizendo que era um prazer conhecê-lo.

— Muito prazer, também — respondeu Charles.

— Pelo jeito vocês gostam de *souvenirs* — emendou Mary, olhando para o camelo nas mãos de Annie, a ruiva.

— Ora, isso é um presente para meus sobrinhos — respondeu a moça, apreensiva.

— Você não gosta de coisas típicas? — perguntou Tina para a americana, num tom meio desaforado.

Mary não respondeu e todos silenciaram, meio constrangidos com a reação da neozelandesa. Finalmente, Charles quebrou o gelo.

— E vocês, o que fazem neste país exótico? — perguntou para os ingleses.

— Somos estudantes! — respondeu Dave, o mais baixo e também o mais novo.

— Estamos de férias! — completou o outro rapaz, Michael, secamente.

E mais não disseram. Dessa vez foi Tomiko quem descontraiu a conversa.

— Olhem que beleza aquela esfinge!

Imponente, no meio do pátio, estava uma figura de alabastro, com corpo de leão e cabeça de mulher. Os olhos, meio irônicos, pareciam observar o grupo a distância, e os lábios, esboçando um sorriso enigmático, causavam a impressão de que detinham algum segredo.

Exceto Péricles, que procurava obter de Said maiores informações sobre Mênfis, as pessoas foram se aproximando como que atraídas por alguma força magnética.

— Vamos tirar umas fotos! — sugeriu a japonesa.

— Posso bater? — pediu Roxana.

— Claro! — concordou Tomiko. — Quem sabe você vai ser fotógrafa, como eu.

— Você é profissional?

— Hum, hum... Estou aqui a serviço de uma editora do meu país. Fui encarregada das fotos para um livro ilustrado, que o departamento de turismo pretende editar.

E o grupo se reuniu. Michael, no centro. Mary e Charles, mais altos, atrás. Tomiko e Dave, do lado esquerdo. Annie e Tina, à direita. Ciro, sentado no chão. E, acima de todos, a grande esfinge.

Roxana acertou o foco. Os olhos azuis de Michael centralizados no visor. A menina precisou se controlar para não tremer. "Clic." E ela devolveu a máquina bem no instante em que Péricles e Said vinham chegando.

— Agora, vamos ver a estátua de Ramsés II — chamou o guia.

E todos seguiram na frente. Roxana, andando mais devagar, ficara para trás, observando Michael de costas. Não era possível que aquele rapaz, de olhar meigo e até meio infantil, pudesse ser tão agressivo quanto queria parecer.

"Não acredito!", afirmou interiormente.

Mas, ao repassar as imagens de Londres, percebeu que o Michael de Covent Garden tinha outra fisionomia, mais altiva, mais feroz, um pouco sarcástica talvez.

"E se ele for mesmo um ladrão, desses sem nenhum sentimento?... Ou será apenas alguém um pouco amargo, sem esperanças...", pensava Roxana, perdida em seus julgamentos.

13. QUEM ESTÁ AÍ?

O grupo de turistas percorria uma vereda de palmeiras tropicais. O chão arenoso devolvia o brilho do sol, quase a pino. E o calor aumentava com o avanço das horas.

— Vamos almoçar aqui! — avisou Said, mandando o motorista estacionar em frente a um bangalô, à beira da estrada.

No pátio, entre jardins, uma pérgula abrigava o restaurante sob as sombras de trepadeiras. O *maître* distribuiu as pessoas pelas mesas.

Enquanto almoçavam, Péricles não parava de observar os americanos.



*O grupo de turistas se reuniu para a fotografia,
tendo ao fundo a grande esfinge.*

— Puxa, Charles e Mary, naquela idade, estão em lua-de-mel! — comentou.

Sem refletir que o assunto era delicado, Ciro rebateu:

— Sinal de que você ainda pode ter esperanças com mamãe!

Péricles ficou sério, quase triste.

— Será que é bom manter esperanças? — falou o pai.

No olhar que Roxana lançou para o irmão, dava até para ler seus pensamentos: "Tinha de tocar nisso agora, tinha?" E, procurando distrair o pai, mudou de conversa.

— Os americanos são muito bregas, chique mesmo é a Tomiko. Olhem aquele vestido, é de seda, pensam que eu não sei? E o andar dela, então, vocês viram como é elegante?

Ciro, que ainda não tinha notado nada disso, resolveu conferir, medindo a japonesa da cabeça aos pés. Ela estava compenetrada, checando passagens aéreas e planos de viagem.

Péricles voltou a sorrir.

— Não sabia que minha filhinha entendia de etiqueta!

— Entendo um pouco. Veja as neozelandesas, elas não têm muita classe. Ficam andando com essas lembrancinhas de camelô, coisa mais ridícula!...

O garçom veio trazer a conta. Péricles notou Said se despedindo do maître, de quem parecia muito amigo.

— É melhor irmos andando, pessoal! — anunciava o guia.

E logo eles voltavam a andar entre ruínas magníficas, que os transportavam através da História.

Na próxima parada, o guia anunciou:

— Aqui é Sakkara, e essa é a pirâmide de Degraus, do rei Geser, do Antigo Reinado. Como todos os grandes faraós, sua coroa possuía a serpente e o abutre, símbolos das duas deusas do Baixo e do Alto Egito.

O complexo arquitetônico incluía ainda uma instalação funerária, onde os egípcios embalsamavam seus cadáveres.

Para Roxana, a parte mais atraente eram as fileiras e mais fileiras de colunas, formando diagonais certinhas, ótimas para brincar de pega-pega. Era fácil passar de uma para outra, enganando o perseguidor.

Mas a garota nem sequer imaginava que, de fato, estava sendo perseguida. Até que, ao se virar para trás e só ver colunas e mais colunas, um barulho de passos apressados silenciou imediatamente.

— Quem está aí? — gritou, ouvindo o eco da própria voz.

Não obteve resposta, mas uma sombra passou rápida pelo seu rosto, e Michael apareceu de repente.

— *I have seen you before!* — ele disse.

— Eu também!

Surpresa, Roxana até esqueceu que tinha de falar em inglês.

— O quê? — insistiu Michael.

— Desculpe. Eu também já te vi antes. Aquele homem das roupas estava mesmo bravo com você!

Michael deu uma risada alta, meio rude, e ia falar alguma coisa quando foi interrompido pela voz de Said. O grupo já vinha chegando e estava na hora de embarcar.

14. FARAÓS DO NILO

Na manhã seguinte, enquanto se preparavam para novos passeios, Roxana procurava onde escrever. Percebeu Péricles guardando seu bloco de anotações.

— Pai, me dá uma folha?

— Claro, minha filha!

Ela retirou uma folha do bloco do pai, no qual estava impresso o nome do professor. Ciro ficou curioso em saber o que a irmã estava aprontando. Roxana escreveu seu nome e endereço no Brasil, dobrou o papel e guardou-o na bolsa.

— Já sei, você quer se corresponder com o Michael! — percebeu o irmão.

— E daí?...

— Ei, garotada, vamos! O ônibus está quase chegando! — chamou Péricles.

Em Gisé, uma esfinge enorme parecia tomar conta das pirâmides: Quéops, Quéfren e Miquerinos, indescritíveis, de tão grandes. A de Quéops era a única aberta ao público, e, embora fosse uma escalada difícil, tinha muita gente querendo entrar.

Para subir, era preciso andar praticamente agachado por um túnel estreito e comprido. Depois, escalar uma rampa longa e íngreme, escorando-se no corrimão. Na câmara, revestida de granito preto, estava a urna de pedra onde fora guardado o sarcófago do faraó.

Durante todo o trajeto, muita gente se interpôs entre os ingleses e o resto do grupo. Roxana procurava uma oportunidade de passar o endereço para Michael. Mas no meio da multidão era impossível. E dentro do ônibus ela se recusava, porque ia chamar a atenção dos demais. Na verdade, estava na dúvida se devia ou não fazer isso.

Como a programação era livre naquela tarde, Roxana permaneceu no hotel. Depois de muito pensar, a garota decidiu: "Vou entregar hoje mesmo".

Roxana abriu a mala sobre a cama. E, imediatamente, lembrou-se do conselho da mãe: "Esse vestido fica melhor à noite...". Vestiu a roupa e resolveu também passar batom, para dar uma aparência mais adulta.

— Nossa, é hoje que você conquista o Michael! — provocou Ciro, quando viu a irmã pronta para sair.

O jantar seria no Faraós do Nilo, uma casa noturna típica onde se apresentavam grupos de dança árabe. A decoração, evocando as histórias das *Mil e Uma Noites*, imitava o harém de um sultão. E se Roxana estava se achando elegante, quase caiu de costas ao ver Tomiko.

— Nossa, cada roupa que essa japonesa tem! — comentou com o irmão, na entrada do restaurante. — E as jóias! Será que aquele colar é de brilhantes verdadeiros? Ela deve ser muito, mas muito rica mesmo!

As neozelandesas também estavam bem-arrumadas, mas com discrição, e pareciam mais amáveis do que nos dias anteriores. Tina chegou mesmo a segurar no braço de Michael e convidou os dois ingleses para se sentarem com elas. Tomiko foi junto.

Roxana bufou de raiva. E emburrou ainda mais quando Charles e Mary convidaram o pai para a mesa deles e ficaram puxando "conversa chata" durante o jantar.

— E sobre a política brasileira, o que o senhor nos conta? — perguntou o americano.

O professor refletiu um pouco e não viu nenhuma razão para entrar nesse tema, tão polêmico. Ciro salvou-o do embaraço, dizendo que o espetáculo já ia começar.

Péricles reconheceu o apresentador do *show* e comentou com os filhos:

— Vocês viram, é aquele maître do restaurante na estrada. Pelo jeito essa Green Valley faz transações sempre com os mesmos comerciantes, ou é fiel aos amigos.

No palco, odaliscas com roupas coloridas se contorciam na dança do ventre. Roxana aproveitou a distração de todos e cochichou no ouvido do irmão:

— Será que eu vou parecer muito oferecida, se for falar com o Michael?

— E se ele estiver interessado em uma das duas? — comentou Ciro, referindo-se às neozelandesas.

— Ah, aquelas bobocas!

— Olha lá, como eles estão se dando bem!

Roxana olhou para trás e viu Tina conversando com o rapaz. Por um segundo, ela pensou em rasgar e jogar fora aquele papel. Mas pensou melhor: "Eu falei que ia entregar hoje e vou entregar".

Inventando a desculpa de que ia ao banheiro, ela se levantou à procura de um garçom.

— Por favor, você poderia levar este bilhete para aquele moço? — pediu, apontando Michael de longe.

15. A COROA DE TUTANCÂMOM

— Que calor!

Nove horas da manhã e o ônibus da Green Valley fazia seu roteiro diário, sempre em busca dos mesmos turistas. Aquilo estava virando rotina.

Para Roxana, porém, esse era um dia especial, pois aguardava Michael ansiosamente. No entanto, ele entrou sem sequer dizer bom dia. Foi frustrante. A garota se fechou num silêncio cheio de mágoa, que só aumentou com a chegada das neozelandesas.

Pelo jeito, elas já tinham ido às compras. Annie carregava uma boneca vestida de Cleópatra.

Said mandou o motorista parar num estacionamento no centro da cidade. De lá até o Museu do Cairo eles seguiriam a pé. Desceram em uma praça imensa, com terminais de ônibus, estação de metrô, avenidas largas e transversais difíceis de atravessar. Em meio a tudo isso, mulheres muçulmanas, muitas vestidas inteiramente de preto e com um véu sobre o rosto, deixando apenas os olhos de fora. Islâmicos

ajoelhados, rezando nas calçadas. Executivos e suas famosas pastas, *office-boys*, donas-de-casa e muitos outros tipos misturados.

— Isso aqui é mesmo uma confusão! — comentou Péricles.

Mas Roxana continuava calada. Em meio a tantas coisas para se ver, só conseguia olhar para Tina, tentando notar se ela estava mesmo a fim de Michael.

Mas as neozelandesas pareciam mais atentas aos gracejos dos homens na rua. E na recepção do museu foram abordadas por dois egípcios muçulmanos: um sentado numa cadeira de rodas e o outro empurrando.

— Essas duas são muito oferecidas! — comentou a garota com o irmão.

Nesse instante, Said tomou a frente do grupo e começou a orientar a visita, comentando aquelas obras tão conhecidas dele.

— Estas são as estátuas do príncipe Rahotep e sua mulher, da quarta dinastia... Aquele painel conta a guerra de...

Assim por diante, o guia orientava as pessoas, até que, em frente a uma determinada porta, fez um grande suspense. Era uma sala que permanecia sempre fechada, só sendo permitida a entrada de poucos visitantes de cada vez.

— ... e agora, eu vou dar a vocês a oportunidade de verem a famosa coleção de ouro de Tutancâmon. Uma das únicas que não foram descobertas pelos antigos saqueadores...

Ciro e Roxana sentiram até calafrios ao passarem pelas estátuas dos soldados guardiões das riquezas. Lá estavam elas, do mesmo jeito que foram encontradas na tumba.

— Estou até com medo de entrar aí, só de pensar na Maldição do Faraó — comentou Ciro.

Ao entrarem, o grupo se espalhou. Péricles realizava um grande sonho, feliz como uma criança satisfazendo o seu desejo. Com o bloco na mão, copiava alguns hieróglifos, alguns símbolos. A quantidade de ouro e pedras incrustadas no sarcófago era impressionante.

— Ele morreu aos dezoito anos — esclarecia o guia.

Vendo a vitrina de jóias instalada bem no centro do salão, Roxana ia esquecendo sua angústia. Tomiko estava por perto e pediu novas fotos.

Charles e Mary passeavam com aquela altivez costumeira. Dave e Michael pareciam indiferentes, observando tudo muito rapidamente e com um certo desprezo.

As neozelandesas continuavam acompanhadas, e já estavam tão íntimas dos egípcios que Annie até empurrava a cadeira de rodas do paraplégico.

Ciro, Péricles e Roxana atravessaram o salão em direção ao trono dourado do rei. De repente, ouviram barulho de vidro quebrando e ferro caindo no chão. E ao olharem para trás, o que viram foi um grande alvoroço.

Dave tinha acabado de dar um salto. Michael erguia a mão, protegendo os olhos dos estilhaços. Tina e Annie gritavam, agarradas uma na outra. Os americanos estavam paralisados que nem estátuas. E Tomiko estava no chão.

— Eu vi, foram aqueles homens! Um deles me deu um empurrão, segurem eles! — dizia a japonesa.

Said gritava ordens para os seguranças. Mas era tarde. Dos ladrões, sobrou apenas a cadeira de rodas. E da coroa de Tutancâmon, restou somente a legenda.

COROA REAL

Período pós-Armana, XVIII Dinastia, 1261-1351 a.C.

Ouro, cornalinas, lápis-lazúli, turquesa.

Altura: 37 cm.

Proveniência: túmulo de Tutancâmon — Vale dos Reis.

16. NADA CONTRA, NEM A FAVOR

Recuperando-se rapidamente do susto, Ciro disparou em direção à porta principal do museu. Do lado de fora começava uma perseguição, causando o maior rebuliço entre os pedestres.

Mulheres em pânico protegiam suas crianças. Jovens se divertiam torcendo, uns para os bandidos, outros para os policiais. Os velhinhos então, coitados, estavam aturdidos no meio de tanta confusão.

No final da praça, um outro homem esperava pelos ladrões e seguiu correndo com eles até se separarem mais adiante. Os dois muçulmanos sumiram à direita, enquanto o terceiro, com roupas normais, desembestou à esquerda, atravessando a avenida. Quase foi atropelado. Buzinas dispararam. Um carro freou bruscamente e os que vinham atrás não conseguiram parar. Foi um estrondo atrás do outro, num enorme engavetamento.

— Eu vi, foram aqueles homens — dizia a japonesa.

Os guardas se desorientaram. E o homem desapareceu no labirinto de vielas estreitas e becos escuros do centro do Cairo.



De repente, aconteceu um grande alvoroço.
— Eu vi, foram aqueles homens — dizia a japonesa.

Ciro voltou para a sala de Tutancâmon, onde todos permaneciam ainda assustados. Atrás dele chegaram mais seguranças, iniciando o inquérito. Péricles não parava com suas anotações. E Mary, indiscretamente, perguntou o que ele escrevia.

— Fatos históricos, minha senhora — respondeu ríspido.

— Silêncio, por favor! — pediu o investigador, que interrogava as neozelandesas. — Fomos informados que os ladrões entraram no museu acompanhados das duas senhoritas...

Tina mantinha a fisionomia arrogante, quase cínica.

— Não temos culpa se os homens da sua terra não podem ver mulheres bonitas, modernas, que ficam logo atrás! — argumentou com ironia.

Annie sustentava o olhar firme, porém a boneca-Cleópatra tremia em suas mãos.

— Não conhecemos ninguém aqui no Egito! Fomos abordadas na porta do museu. Todos aqui são testemunhas disso.

Mas ninguém testemunhou coisa alguma. Apenas Said confirmou que as moças, aliás, como todos os outros do grupo, eram clientes da Green Valley. Só que isso não provava nada contra, nem a favor.

— Qual o motivo da viagem de vocês? — continuava o segurança.

— Espere um pouco! — interrompeu Charles, antes que Annie pudesse falar. — Desculpe eu me intrometer, mas se o senhor pretende interrogar a todos, seria melhor fazer isso individualmente. Afinal, temos direito à nossa privacidade.

Diante da firmeza do americano, o policial titubeou, inseguro e inexperiente. Dava a impressão de que era a primeira vez que se via metido numa situação como aquela. Tomiko se apressou em concordar com Charles. Péricles fez o mesmo e também as neozelandesas. E na sala começou um falatório danado. Apenas Dave e Michael não abriam a boca.

Pareciam dois meninos acuados, pegos em flagrante fazendo alguma arte.

"Tão metidos, tão valentes e agora ficam aí, se borrando de medo", pensou Roxana, decepcionada.

O inspetor mandou providenciar uma outra sala, no próprio museu, para que pudesse colher os depoimentos em particular. Foram momentos compridos de espera até que os funcionários da instituição resolvessem

esse problema de espaço. Enquanto isso, Said se esforçava para manter um clima cordial entre a polícia e os turistas.

— Ora, esse roubo só pode ser coisa de gente desequilibrada! Outros museus importantes do mundo já sofreram atentados parecidos...

E assim, falando sem parar, o guia pegou o braço da cadeira de rodas, ainda caído embaixo da vitrina.

— Vejam, ele quebrou o vidro com isto aqui!

— Ponha isso onde estava! — ordenou o investigador. — Você prejudicou o exame das impressões digitais.

17. O MAPA DO MUSEU

Na televisão do Indiana Hotel, um programa jornalístico noticiava o roubo da coroa numa edição em três línguas: árabe, inglês e francês.

— Esses ladrões não conhecem a Maldição do Faraó — disse Ciro, se jogando na cama.

— Ou então não acreditam! — acrescentou Roxana, enquanto tirava os sapatos.

— De um jeito ou de outro... — argumentava Péricles — o fato é que isso pode atrapalhar todo o nosso programa. Vou telefonar para a Green Valley e tentar saber alguma coisa.

A telefonista fez a ligação e passou para o quarto.

— Alô, eu gostaria de falar com o gerente... Aqui é Péricles... Sim, sim, o brasileiro... Pois é, eu gostaria de obter informações... Exatamente... Isso... Sei... Sei... Compreendo...

Ele mais ouvia do que falava. Roxana e Ciro já estavam ficando aflitos.

— A que horas?... Está bem, estaremos aguardando. Muito obrigado.

Péricles desligou o aparelho e acalmou os filhos.

— O investigador desconfia que algum dos turistas pode estar envolvido, mas por enquanto não tem nenhuma prova. Parece que somente com a captura de algum dos ladrões é que eles conseguirão descobrir alguma coisa. E com o exame das impressões digitais prejudicado, a polícia não pode fazer nada por enquanto.

— Quer dizer que podemos viajar! — exultou Ciro.

— Isso mesmo, nenhuma mudança nos planos. Pegaremos o trem para Luxor esta noite! Said passará às dez horas para nos apanhar.

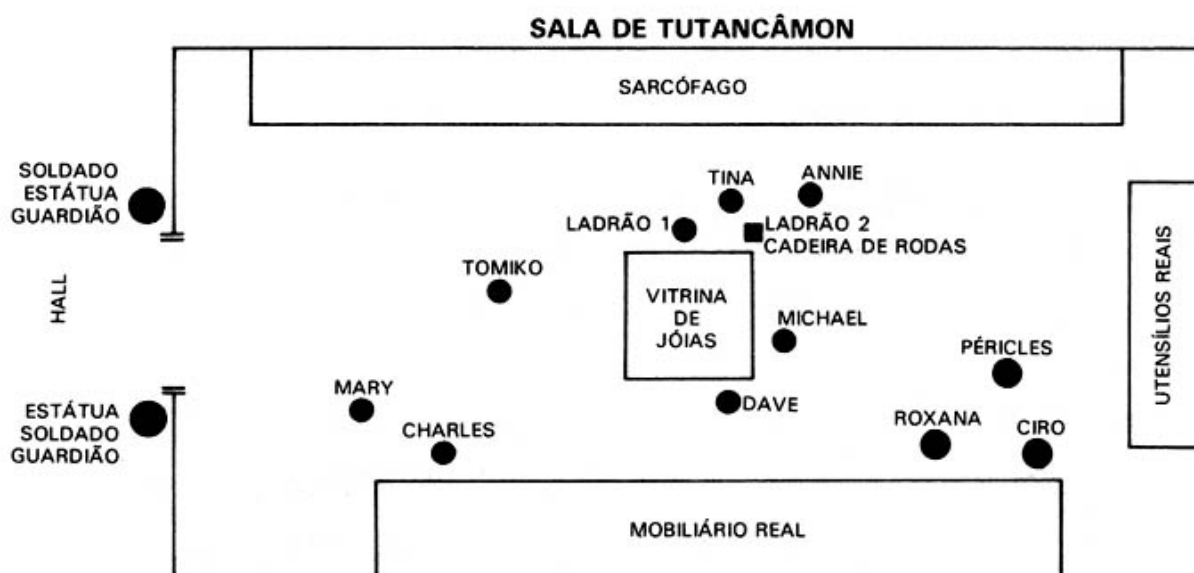
— Mas por que o investigador desconfia, se ninguém fugiu nem nada? — Roxana tentava entender.

— Essa é a questão — continuava o pai. — A coroa vale muito mais pela sua importância histórica. Não interessaria a nenhum bandido pé-de-chinelo. Algum colecionador pode ter encomendado o roubo...

— Só se for alguém muito burro, pra estar lá bem na hora do crime! — argumentou Ciro.

— Mas também pode ser um jeito de afastar suspeitas — pensava Péricles, remexendo nos seus papéis.

Ele tinha uma cópia da planta do museu, retirada de um livro, e conforme raciocinava ia fazendo anotações.



— Vejam a posição dos bandidos... — dizia o pai. — Tina estava entre eles e Annie atrás, empurrando a cadeira. Acho mesmo que elas foram vítimas da paquera dos dois. Tomiko atrapalhava a saída rápida e foi empurrada. Certamente não esperava por isso.

— Puxa, pai! Você observou tudo! — exclamou Roxana, olhando o mapa. — Eu vi mesmo o Michael nesse lugar, cobrindo os olhos com a mão.

E rapidamente as cenas dos encontros anteriores começaram a desfilar na memória da menina. Mary batendo os saltos no chão da companhia de turismo em Londres. Tomiko e aquela sua obsessão fotográfica. Dave e Michael atropelando as pessoas na praça. Tina e Annie tão assustadas só por causa de uma simples boneca.

— Será que é uma quadrilha organizada? — ela sugeriu, pensando nas circunstâncias em que conheceu cada turista.

— Você está falando isso por causa das coincidências? — perguntou Ciro. — Pra isso eu acho que deve existir outra explicação!

— Ei, crianças, não vamos fantasiar tanto — ponderou Péricles. — Pode ser que eu esteja enganado, mas sigam o meu raciocínio. Os ingleses estavam surpresos, tanto é que o braço da cadeira quase acertou as pernas de Dave, vindo por debaixo da vitrina. E ele pulou. Portanto, o que me intriga são esses falsos australianos. Eles estavam bem aqui — o professor apontou no papel com a caneta — de onde podiam observar tudo, com todos os detalhes — concluiu.

18. A NOTÍCIA DO ROUBO CHEGA AO BRASIL

Cairo: onze horas da noite. Péricles, Roxana e Ciro, assim como os demais turistas, embarcavam no trem para Luxor.

São Paulo: seis horas da tarde. A notícia do roubo começava a chegar aos principais jornais brasileiros. E agitava a vida de uma jornalista.

Laís Guerra, editora de política internacional de um grande jornal paulistano, acabava de ler o telex quando Cláudio, um dos redatores, entrou em sua sala.

— Laís, preciso saber o espaço que vamos dar para a visita da delegação russa... Ei, Laís, você está bem? Parece distante...

— É por causa deste telex.

— Ah, eu já vi! É do Egito, não é?

— Você sabia que existe uma maldição rondando os tesouros de Tutancâmon? — perguntou Laís.

Mas não esperou resposta. Magra e elétrica como era, ela se levantou de súbito. O cabelo cacheado, cortado à altura do pescoço, chegou a fazer um giro no ar e cair em seu rosto. Através da divisória de vidro, olhou para o enorme relógio instalado no meio da redação, ainda calma naquele momento.

— Você pode me deixar sozinha por uns instantes?

Laís tinha por volta de quarenta anos. Bonita, viva, inteligente, era considerada brilhante na profissão e admirada por sua equipe de trabalho.

— O que é isso, Laís? — estranhou o redator. — Eu nunca te vi assim, algum problema?

— Não, não é nada! Por favor, me deixe sozinha!

— E sobre os russos?...

— Eu estava pensando em uma página, mas faça como você achar melhor!

Cláudio saiu sem entender nada. Laís, fechando a porta atrás dele, foi direto ao telefone. Precisava de algumas informações sobre horários de voo, preço de passagem e visto de entrada no Egito para poder decidir.

— Quero cobrir esse caso! — pensou em voz alta.

Porém, a decisão final não estava em suas mãos. Era necessário convencer Albuquerque. Ela chegou a discar o primeiro número do ramal, mas acabou desistindo. Seria melhor conversar com o diretor pessoalmente.

Eu não sei se ele poderá atender agora! — avisou a secretária.

— Por favor, diga que é urgente.

— O que é tão urgente assim? — perguntou Albuquerque, recebendo a jornalista sem maiores protocolos.

— Desculpe eu te incomodar...

— Ora, você não incomoda!

— Está de bom humor hoje, chefe! Então vou aproveitar — disse Laís, brincando.

— Fale de uma vez! — encorajou o diretor.

— Sabe o que é? Tenho férias vencidas há quase um ano e agora estou precisando delas.

— Quando você pretende sair?

— Amanhã.

— Amanhã!? Mas justo agora que temos uma delegação russa no país! Você não pode esperar uma semana, até eles irem embora?

— Sobre isso eu posso falar com o Cláudio. Ele é um bom profissional, vai cuidar de tudo direitinho.

— Mas você não pode sair assim, o departamento de pessoal precisa ser avisado com antecedência. Você sabe disso!...

— E é por isso que eu vim falar com você, pra ver se a gente pode deixar para depois essa questão da burocracia.

— Poder, pode, mas...

Albuquerque parou de falar. Seu rosto, redondo e envelhecido, expressava a sabedoria de quem já viveu muitos anos. Atrás da grande

mesa, ele abaixou a cabeça, coçando a careca em silêncio por alguns instantes. Depois, encarando Laís, perguntou:

— Escute aqui, minha filha, há quanto tempo está conosco?

— Quinze anos!

— Você está muito ansiosa, eu te conheço. Por que não me conta qual é o seu problema? Talvez eu possa ajudar!

Laís refletiu. As mãos seguravam uma pasta apoiada sobre o colo.

— Você vai achar ridículo...

— E se eu achar ridículo, isso muda alguma coisa para você?

— Não!

Tomando coragem, ela abriu a pasta e entregou o telex para o diretor. A fisionomia calma de Albuquerque ia se modificando durante a leitura.

— Então é por isso que você quer sair de licença!?

— É um caso grave, Albuquerque! Tem brasileiros envolvidos.

— Mas isso não é razão para uma editora como você se locomover para um país distante. Podemos mandar algum dos nossos correspondentes na Europa.

Laís estava nervosa, sabia que seu pedido contrariava a rotina do jornal. Sabia também que era mais rápido e econômico mandar algum jornalista já fora do país.

E o diretor continuou:

— Que interesse é esse, Laís? Você pode me explicar!?

— Eu estava mesmo planejando ir para o Egito. Já estou até pagando uma passagem a prestação! — ela mentiu. — Portanto, o jornal terá poucas despesas... E, além do mais, eu tenho direito às minhas férias...

Albuquerque coçou a careca outra vez.

— Sabe de uma coisa? — disse ele, sério, para logo em seguida sorrir. — Você é uma das melhores profissionais aqui dentro. Eu vou te dar esse presente, garota!

— Puxa, muito obrigada, e pelo garota também!

— Mas você vai ter de tomar vacina, conseguir visto. Não acha que vai perder muito tempo?

— Já me informei sobre tudo. Você pode conseguir isso para mim!

— Eu!?



— É um caso grave, Albuquerque! Tem brasileiros envolvidos — justificava Laís.

— É, como diretor do jornal, você pode falar com o cônsul egípcio. Eu vou para Brasília amanhã, pego o visto e embarco para o Cairo.

— Que eficiência! Pelo jeito você vai fazer um ótimo trabalho! Então passe aqui amanhã bem cedo. Vou mandar providenciar algum dinheiro. E quando você chegar em Brasília, eu já terei falado com o cônsul.

19. VOCÊ É A MINHA RAINHA!

Por entre as frestas da persiana, Roxana observava o vaivém na plataforma da estação. Uma imagem triste de pessoas muito pobres, a maioria descalça, com seus pés e trajes muçulmanos encardidos. Quase todas dispostas a carregar malas, prestar informações ou qualquer outra espécie de serviço para os turistas em troca de pequenas quantias. Um cenário contrastante com o luxo interior do trem e com a aparência exuberante de Tomiko, ainda do lado de fora, conversando com Said.

— Não sei o que eles tanto falam! Só está faltando ela para irmos embora — comentou com o irmão.

— Por que, o Said não vai? — estranhou Ciro.

— Não, você não escutou quando ele disse que em Luxor nós teremos um outro guia? O nome dele é Tufik, se eu não me engano.

Mas logo Tomiko entrou, e a composição soou o apito, começando a se locomover. No vagão-leito, Roxana e Ciro ocupavam uma cabine e Péricles, outra. O jantar seria servido em instantes e, enquanto aguardavam, o pai permanecia na cabine dos filhos, comentando o programa da viagem. Com o mapa turístico aberto sobre o colo, falava como um professor, apaixonado pela matéria.

— Estamos indo na direção sul, para Luxor. Antigamente, essa cidade era conhecida como Tebas e foi, em seu tempo de glória, a grande capital do Alto Egito. Lá existem dois templos muito importantes... Vejam o desenho deles no guia. Este é o de Luxor... E este se chama Carnaque.

— Deixe eu ver! — Ciro puxou o livro das mãos do pai, voltou à página do Templo de Luxor e gastou alguns segundos admirando a figura.

Em pontos estratégicos da perspectiva, feita a bico-de-pena, o ilustrador havia desenhado algumas pessoas, para dar uma idéia proporcional do tamanho da construção. E elas pareciam anãs visitando uma casa de gigantes.

— Chegaremos em Tebas às sete horas — continuou Péricles, tomando o guia de volta. — Daremos uma passadinha no hotel apenas para deixar as malas. Depois vamos atravessar o Nilo de barco e seguir para a Cidade dos Mortos, bem aqui...

Vale das Rainhas, Vale dos Reis, Tumba de Tutancâmon e vários outros pontos estavam marcados no mapa. Roxana quis saber melhor do que se tratava essa tal de Cidade dos Mortos, quando foram interrompidos por uma conversa alta na cabine vizinha.

— Oh, meu querido, que surpresa maravilhosa! — A voz melódica de Mary, atravessando as portas abertas, chegou até eles.

— Vamos escutar — cochichou Roxana.

A luz interna dos compartimentos era devolvida pelos vidros do corredor, transformados em espelhos na escuridão da noite. Através deles, dava para se perceber, embora desfocados, alguns movimentos dos americanos.

— Ora, você merece, minha querida. Você é a minha rainha! — Charles falava.

— *You are my queen!* — repetiu Ciro, imitando o tom romântico daquela declaração.

— Ele deu um presente para ela! — a irmã emendou. — Será que é a coroa?

20. "DECIFRA-ME OU TE DEVORO"

O trem seguia a toda velocidade enquanto o camareiro passava de cabine em cabine servindo a refeição. Abobrinha, arroz e uma carne que não dava para se perceber de que bicho era. Tudo tão gorduroso, largando uma tinta amarela no prato, que tirava o apetite de qualquer um. Para acompanhar, Péricles pediu vinho, e o rapaz recomendou Omar Khayam.

— Muito famoso, senhor! — Um dos melhores do Egito.

O professor serviu a bebida para os filhos. Depois, com a fisionomia bastante séria, falou:

— Escutem aqui, meus filhos, quero fazer um trato com vocês. Vamos esquecer por enquanto essa história de roubo e curtir mais a nossa viagem. Afinal, esse lugar está cheio de coisas incríveis e não vale a pena desperdiçarmos nosso tempo nem desviarmos nossa atenção bancando os detetives.

— Ah, mas foi você quem começou tudo, com aquele mapa do museu! — Roxana protestou.

— Eu sei, mas desisti de pensar nisso. Até já joguei fora o papel, lá no Cairo mesmo... Agora vamos brindar ao nosso passeio. Tebas, aí vamos nós! — exclamou, erguendo seu copo.

Bastou o primeiro gole e o entusiasmo do brinde acabou.

— Argh, que vinho horrível! É melhor não tomarmos — sugeriu o pai, colocando a garrafa no chão.

— Acho que a comida é pior — reclamou Ciro, olhando para os pratos com cara de nojo.

Mas, sem nada no estômago até aquela hora da noite, a fome acabou vencendo e eles comeram um pouco. Terminado o jantar, Péricles se recolheu à sua cabine. Queria ler antes de dormir. Roxana e Ciro fecharam a porta e ficaram curtindo o trem.

— Quem vai dormir na cama de cima? — perguntou a garota, provocando uma competição.

— Eu!

— Não, eu!

— Par!

— Ímpar!

Roxana perdeu, mas Ciro deu uma de cavalheiro.

— Pode ir você, eu prefiro mesmo ficar embaixo!

Ao lado de cada cama, um painel controlava a iluminação. Roxana, já instalada no leito superior, brincava com os botões, acendendo e apagando todas as luzes. Ciro ainda se preparava para deitar. Vestiu o pijama e escovava os dentes na pia da cabine quando sentiu um dos pés encostar numa coisa fria.

A garrafa de vinho, quase cheia, tinha ficado esquecida, no mesmo lugar em que o pai a deixara. O menino não teve dúvidas. Segurando o Omar Khayam com uma das mãos, com a outra ajeitou o travesseiro para acomodar as costas. E assim, meio deitado, meio sentado, conseguia obter pela janela uma ótima visão da lua minguante.

"Gozado, estamos correndo a não sei quanto por hora e a lua continua aí. Parece até que está viajando junto com o trem", ele pensava, bebericando no gargalo.

Roxana havia sossegado com as lâmpadas. Apenas uma pequena luminária, acima de sua cabeceira, permanecia acesa, deixando o ambiente numa penumbra gostosa e relaxante. Mas a menina não

conseguia relaxar. Virava-se de um lado para o outro, incomodada com o balanço e o barulho da composição. E não era só isso, o que incomodava mesmo eram os seus pensamentos.

— Ciro, já dormiu? — ela espiou o irmão lá de cima.

— Não!

— Quero te contar uma coisa. Posso?

— Conta!

— Eu mandei o bilhete para o Michael!

— Sério!? E aí, o que ele falou?

— Nada! Fingiu que não recebeu. Ele deve ser mesmo um bobo. Você viu a cara de medo dele, lá no museu?

— Ah, você está é apaixonada. E com despeito porque ele não te dá bola. Esquece esse cara, Roxana! Ele é bem mais velho que você, deve te achar uma criança!

— Eu já estou na sétima série, tá? — E espichando o pescoço ainda mais para baixo, ela conseguiu ver a garrafa na mão de Ciro. — Ei, você está tomando essa porcaria!? Não vê que isso não é para criança? — disse para se vingar.

— Eu já estou na quinta série, tá? — revidou Ciro, na mesma entonação da irmã.

— Ah, não dá pra conversar com você. Vou dormir! — resolveu a garota, levando a coberta até as orelhas.

E quem diz que ela dormia? Só conseguia pensar.

— Ciro... está dormindo?

Dessa vez, a resposta foi um sonoro ronco. O menino tinha pegado no sono de óculos e tudo. Roxana resolveu descer para ajustar melhor o irmão. Os pés procurando com cuidado cada degrau até encontrar o piso. E foi aí que ela tomou o maior susto. Alguma coisa barulhenta rolava no chão, vindo bater com toda força no seu dedão direito.

— Ai, o que é isso?

Era a garrafa de Omar Khayam, completamente vazia.

— Ele tomou tudo!...

A janela mostrava agora só uma pontinha da lua, suficiente para enviar alguns raios brancos sobre o rosto de Ciro. E no jogo de luz e sombra, Roxana reconheceu uma imagem.

— Nossa, ele está parecendo aquele pássaro outra vez!

Meio intrigada, a garota foi deitar e, finalmente, conseguiu pegar no sono. Mas, no meio da noite, Ciro acordou suando frio. O trem estava parado, porém sua cabeça rodava e doía muito.

— Ai, ai... — ele gemia baixinho.

Acendeu a luz de cabeceira e levantou-se da cama, sentindo forte tontura e vontade de vomitar. Com grande esforço foi até a porta e, quando procurava o trinco, meio aflito, o trem deu um solavanco e retomou a marcha. Quase não deu tempo de chegar ao banheiro, no final do corredor.

Ao voltar, um pouco aliviado, ele deitou, apagou a luz e se cobriu com o lençol. Mas nada de dormir. Teve outro acesso de náuseas, frio e suor. Correu para o banheiro novamente. E isso se repetiu mais umas duas vezes, até os sintomas se acalmarem e ele conseguir cochilar um pouco. Mas descansar, não descansou. Suava ainda mais por causa de um terrível pesadelo.

Estava no meio do deserto infinito, sedento e cansado de tanto andar sem direção. De repente, surgindo não se sabe de onde, um imenso falcão grunhia no céu sem nuvens, dando vôos rasantes, que pareciam dizer: "siga-me", transmitindo força ao garoto. E Ciro, revigorado, acompanhava o animal por quilômetros e quilômetros até se deparar com uma esfinge. Parecia a mesma que ele vira em Mênfis. E de algum lugar, por trás da imensa figura, uma voz dizia: "Decifra-me ou te devoro". Enquanto um alçapão se abria bem na frente do menino.

21. NÓS ESTAMOS PRESAS?!

O sol nascia lançando seus raios no interior da cabine. O rio Nilo, mais estreito que no Cairo, corria paralelo aos trilhos do trem, ladeado por palmeiras e outros tipos de plantas tropicais. No horizonte, reluziam as montanhas amarelas do deserto.

— Café-da-manhã!... Mais uma hora e estaremos em Luxor — ia gritando o camareiro por todo o vagão.

Ciro mal conseguia abrir os olhos na claridade. Roxana, ao contrário, acordou toda animada.

— Bom dia! — exclamou a menina, espiando a paisagem através da janela. — Não vejo a hora de chegarmos ao Vale das Rainhas.

E ela já vinha descendo, quando olhou para o irmão.

— Ei, Ciro, você passou mal? Está pálido!... Bem que eu imaginava, com aquela garrafa inteira de vinho porcaria!

Ele não tinha forças nem para responder.

— Vou chamar o papai — avisou a irmã, saindo.

Péricles chegou preocupado.

— Ei, filho, o que deu em você? Pensa que já é homem, é? Nem eu agüentaria tanta bebida... Acho melhor não tomar café agora. Vamos pedir uma água, vai te fazer bem!

E se dentro do trem a luz incomodava o menino, na estação de Luxor o sol tórrido e já quente às sete horas da manhã quase o cegava.

Tufik, vestindo um "camisolão" branco, esperava na plataforma. Em meio à multidão de egípcios e turistas do mundo inteiro, reuniu o grupo da Green Valley. Foi um reencontro seco, frio, apesar do calor, sem nenhuma amabilidade. As pessoas proferindo um rápido "bom-dia" entre si, apenas para cumprir as formalidades da boa educação. Eles não se falavam desde o dia anterior, quando deixaram o museu, após o roubo. E assim continuaram, evitando qualquer relacionamento.

— Vamos para o Etap Hotel — dizia o novo guia turístico. — Lá vocês poderão largar as bagagens e ainda terão um tempo para se refazer. O ônibus está esperando aí na porta.

Situada à margem esquerda do Nilo, Luxor é uma cidade pequena, de construções simples e prédios com, no máximo, quatro andares. A maioria das casas tem a cor do deserto, com exceção dos hotéis beira-rio e da rua principal, onde as lojas são muito coloridas.

Péricles perguntou a Tufik se eles iriam passar por alguma farmácia. Iam, mas àquela hora as poucas existentes ainda estavam fechadas. O jeito era esperar, enquanto enfrentavam toda aquela burocracia dos hotéis do Egito.

— Os passaportes vão ficar, amanhã devolveremos... — explicou o funcionário do Etap, automaticamente, como quem está acostumado a repetir aquelas palavras dezenas de vezes por dia.

— Outra vez!? — reclamou Péricles.

— Desculpe, são as normas! — respondeu o rapaz, de uma forma também já ensaiada.

De fato, isso causava uma certa insegurança. Ter os documentos apreendidos no estrangeiro é quase como ser prisioneiro. Era isso o que o professor comentava com os filhos, na cafeteria.

— Regulamento estranho! Bom, mas amanhã eles devolvem...

— Não esquentar, pai! — aconselhou Roxana.

Na verdade, a preocupação de Péricles era mesmo com o filho.

— Agora tome um chá, Ciro! Coma umas torradas, acho que será bom! Mais tarde iremos à farmácia, procurar algum remédio para enjôo.

— Mais tarde já será a hora do passeio! — disse Roxana.

Pela janela do salão ela via os veleiros flutuando no rio. Havia também um grande barco a motor, que os levaria à outra margem, para a Cidade dos Mortos.

— Acho que nós não iremos, minha filha!

Na iminência de perder um programa que prometia ser fantástico, Ciro se esforçou ao máximo, tentando demonstrar que estava melhor.

— Por que não, pai? — protestou o menino.

— Você não está bom. Será um passeio árido, no meio do deserto, com sol a pino...

— Ah, pai, dá pra eu ir. Olha, já estou bom!

— Ciro, você é quem sabe como está se sentindo. Mas eu vou te dizer uma coisa: chegando lá, vai ser impossível voltarmos antes do resto do grupo. Vamos ter de ir até o fim.

— Tudo bem, acho que eu seguro!

— Acho? Vamos ver! — disse Péricles, querendo ganhar tempo para observá-lo um pouco mais, enquanto pensava: "Talvez, colocando um boné, para evitar a insolação, e levando água, para não desidratar, quem sabe?..."

E estava assim, pensando, quando o garçom chegou com um recado de Tufik. O guia queria reunir o grupo novamente e eles deveriam seguir direto para o saguão.

As pessoas já estavam todas lá. Roxana sentiu o olhar insistente de Michael, mas não fez conta. Dave quase dormia, largado num sofá. Tomiko, em pé, tirava longas baforadas de seu cigarro, preso à ponta de uma piteira comprida. Annie e Tina estavam sentadas, uma de cada lado, nos braços da mesma poltrona.

— Você reparou que hoje elas estão sem boneca nenhuma? — cochichou Roxana com o irmão.

Mary e Charles pareciam os anfitriões da reunião, de tanta imponência. Quando os brasileiros se acomodaram, Tufik começou a falar.

— Agora que estamos todos aqui, eu posso apresentar o delegado Farid, que quer conversar com vocês.

O homem parecia meio constrangido, mas mesmo assim seguro.

— Senhoras e senhores, recebemos ontem à noite um comunicado do Cairo. A polícia suspeita do envolvimento de um ou de alguns dos componentes deste grupo no roubo da coroa...

— Com base em que foi levantada essa suspeita, delegado? — perguntou Charles, num tom severo.

— Não sabemos. Por enquanto, temos apenas instruções para avisá-los de que devem permanecer na região, até segunda ordem. Os passeios poderão ser feitos, naturalmente, na companhia de Tufik. Mas os passaportes ficarão retidos até o inspetor chegar com novas informações. Gostaria de poder contar com a compreensão de todos...

— O senhor quer dizer que nós estamos presas? — perguntou Tina, visivelmente nervosa.

Percebendo o próprio descontrole, ela tentou disfarçar, mas seus lábios tremiam. Annie olhava apreensiva para a colega. E um clima pesado ficou no ar até que Tufik os chamou para o passeio.

22. ECOS DO SAARA

O barco acabava de atracar. Os turistas atravessaram para a outra margem do Nilo, onde um microônibus aguardava por eles. E logo estavam rodando por entre os montes de areia ocre do deserto. Na primeira parada, Tufik esclareceu:

— Estamos em Deir el Bahari, também conhecido como o Vale das Rainhas... Este é o magnífico templo da rainha Hatscepsut...

Tomiko preparou a máquina, mas o guia foi logo advertindo:

— *No pictures, please!* É proibido tirar fotografias neste local.

— Como!? Eu estou fazendo um livro que trará milhares de turistas para este país e o senhor quer me impedir de fotografar? — reclamou a japonesa. — Pois fique sabendo que eu tenho autorização!

— Autorização!? — repetiu o guia, meio confuso.

— Sim senhor, pode ligar para a Green Valley e perguntar. Foram eles mesmos que conseguiram isso para mim.

Tomiko argumentava com tanta firmeza, na voz e no olhar, que Tufik se sentiu intimidado. Não parecia acreditar naquela conversa e preferiu desconversar, mudando de assunto.

— Os egípcios traziam para cá os corpos de suas mulheres nobres... — continuou o guia, voltando-se para os outros turistas.



— Senhoras e senhores, a polícia suspeita do envolvimento de alguns componentes deste grupo no roubo da coroa...

E só ele falava, porque os componentes do grupo não queriam conversa. Apenas se observavam, com olhos cheios de suspeita.

No começo, Ciro conseguia acompanhar o discurso do egípcio, mas, aos poucos, sua percepção começou a ficar alterada. O corpo, ainda cansado da ressaca, já não seguia no mesmo ritmo das outras pessoas. E ele ia ficando para trás, para trás, sentindo como se todos os sons daquele vale se misturassem em sua cabeça. O vento assobiava uma espécie de música mágica. E do templo emanava uma vibração parecida com a de uma colméia de abelhas.

Péricles vez ou outra vinha para perto do filho.

— Está tudo bem, Ciro?

— Eu tô devagar, mas tô indo!

Ele falava assim, mas na realidade sentia um pouco de medo. E desse jeito continuou ao entrar no ônibus, que novamente rodava por aquele mar de areia. Através da janela, Ciro apreciava a monótona paisagem com uma sensação dupla, de estar dentro e fora do veículo ao mesmo tempo. Na sua mente ressurgiam as imagens do sonho misterioso, trazendo de volta o sorriso enigmático da esfinge e os grunhidos estridentes do falcão.

Na parada seguinte, Tufik anunciou o Vale dos Reis. Um imenso pátio arqueológico cheio de escavações e entradas subterrâneas.

— Séti I, Amenófis II, Ramsés I, Ramsés IX, Tutancâmon... — gritava o guia. — Todos esses faraós foram enterrados aqui...

O sol brilhava cada vez mais forte e o calor incomodava demais. Disfarçando o mal-estar, Ciro se aproximou da entrada da tumba de Tutancâmon, lutando consigo mesmo para afastar as lembranças do sonho. Impossível! O medo cresceu de tal forma que ele não conseguiu entrar.

Todos já seguiam na frente, inclusive Péricles e Roxana. E o garoto não conseguiu fazer outra coisa a não ser sentar-se no chão, à sombra de um pequeno morro, enquanto aguardava os outros voltarem.

Dali a algum tempo, através dos flashes de luz que vinham do interior da tumba, dava para se perceber que Tomiko seria a primeira a sair. Logo atrás vinha Tufik e, pelo jeito, reclamando de novo, por causa das fotos.

De início, Ciro não conseguiu entender direito o que falavam. Mas ouviu Tomiko repetir muitas vezes um nome: Assuã. Essa palavra ficou ecoando em seus ouvidos, e conforme eles iam se aproximando, sem se aperceberem do garoto, a conversa começou a ficar mais clara:

— O senhor é novo na Green Valley? — perguntava a japonesa.

— Sim, trabalho para eles há apenas alguns meses.

— Logo vi! Pois então vou lhe avisar uma coisa: eu posso fazer o senhor perder esse emprego, se tentar me impedir de fotografar mais uma vez. Está me entendendo bem? — enfatizou Tomiko, demonstrando muita autoridade.

"Nossa, por que será que ela tem tanto poder assim?", Ciro pensou.

23. LAÍS VAI À GUERRA

Enquanto isso, em Brasília, a jornalista brasileira conseguia seu visto de entrada no Egito.

— Eu nem acredito que tenha sido tão rápido!

— Você teve sorte, Laís! — disse a funcionária do consulado. — O cônsul está aí e poderá assinar...

"Sorte!", pensou a jornalista. "Se não fosse o Albuquerque..."

— Estará liberado em um instante! — esclareceu a moça.

E Laís seguiu viagem, fazendo de tudo para controlar sua ansiedade e agüentar, tranqüila, várias horas de vôo. Pareciam intermináveis! Até que, finalmente, o avião pousou no Cairo.

Ela chegou ao hotel exausta. Só queria saber de tomar um banho e relaxar, mas não por muito tempo, pois era preciso aproveitar a manhã. E logo estava pronta para ir ao museu, primeiro lugar a ser visitado.

— Quantos homens correram na hora do roubo? — perguntava Laís ao chefe da segurança do prédio.

De início, o policial parecia não querer cooperar, mas a repórter foi tão persuasiva que ele acabou respondendo.

— Correram dois homens, mas um terceiro se juntou a eles no pátio do estacionamento... Houve uma perseguição e a polícia conseguiu descobrir a pista de apenas um deles. Mas ainda não capturou ninguém.

— E sobre essas pistas, quais são elas?

— Trata-se de um garçom que trabalhava numa casa noturna e está desaparecido. O nome dele é Omar, se eu não me engano, e dizem que mora no Cairo Islâmico, um lugar onde é fácil se esconder.

— E o dono do restaurante, o que diz?

— Isso eu não sei! As investigações estão na mão da polícia...

— Eu compreendo. Muito obrigada, você já contribuiu bastante para a minha reportagem... Só mais uma coisa. Qual é o nome dessa casa noturna?

— Faraós do Nilo.

Laís atravessou a praça em frente ao museu, seguindo na direção do estacionamento.

"Foi por esse lado que os ladrões fugiram. Dois sumiram à direita e um à esquerda", raciocinava a jornalista, com base nas informações que acabara de conseguir. Parada na esquina, ela abriu o mapa da cidade, tentando compreender aquele labirinto de vielas estreitas e encontrar o endereço da Green Valley.

A agência de turismo ficava ali por perto, no meio do emaranhado de ruas, depois da avenida principal: uma pista larga, de trânsito intenso, sem nenhum sinal para atravessar.

O gerente recebeu a brasileira cheio de medidas.

Imprensa do Brasil! — dizia o egípcio. — Quanta honra! Eu conheço "Sócrates", grande jogador de futebol!

— Muito prazer, meu nome é Laís. Mas eu não sou uma jornalista esportiva.

— Claro, claro!... Eu sei por que você está aqui!

— Pois é, eu acredito que você possa me dar algumas informações.

— Infelizmente, não tenho muitas. Nem a polícia ainda sabe quem foram os autores desse sacrilégio!

— Certamente. Mas eu falo de outro tipo de informação. Eu gostaria de saber quem são as pessoas envolvidas, de onde vêm, suas profissões...

— Desculpe, mas as fichas dos nossos clientes são sigilosas. Só a polícia pode consultar! A não ser que... Bem, podemos dar um jeito...

Laís logo entendeu. Conhecia bem essa história de dar um jeito. Só não havia pensado que ela funcionava também no Egito. Abrindo a bolsa, puxou cem dólares da carteira, deixando o egípcio ver a nota em suas mãos, numa espécie de diálogo mudo. E a conversa do gerente mudou, imediatamente.

— Vou providenciar um espaço, uma mesa para você ficar mais à vontade...

Enquanto a jornalista tomava notas, Said chegou, indo direto à sala do chefe. Não demorou alguns segundos para estourar uma discussão. Através das divisórias de vidro, Laís via os movimentos nervosos dos dois. E embora escutasse a gritaria, não podia entender o que eles falavam em árabe.

Intuitivamente, sabia que tudo aquilo tinha a ver com a sua presença, e teve certeza disso quando Said dirigiu-se até ela.

— Boa tarde, eu sou Said, o guia do grupo sobre o qual você está pesquisando. Desculpe mas, sinceramente, acho que essas fichas não vão ajudá-la a descobrir os ladrões.

Laís sentiu o tom agressivo e resolveu entrar no jogo, procurando acalmar Said.

— Ora, eu não tenho essa pretensão de descobrir os ladrões. Sou uma jornalista, estou apenas querendo acompanhar o caso e informar os leitores do meu país. Talvez você possa me ajudar muito mais do que essas fichas.

— Mas eu não sei de nada! Como poderia ajudar? — disse o guia, gaguejando um pouco no seu inglês mal falado.

— Pode me contar como foi o roubo! Afinal, você estava lá, não estava?

— Ah, isso eu posso! — esclareceu, tentando demonstrar naturalidade. — Uma coisa horrível mesmo! — continuava. — Sumiu um dos nossos mais valiosos tesouros. Será uma perda irreparável se não conseguirmos reaver a coroa...

Laís estava quase perdendo a paciência. Com aquele discurso patriótico e nacionalista, o homem procurava evitar a descrição dos fatos.

— Mas e o roubo, Said, como foi? — ela insistiu.

E ele passou a relatar tudo por alto, mas não sem as interferências da jornalista, que queria saber todos os detalhes.

— E os brasileiros?

— Ah, sim, o professor Péricles — e Said forçou um ar mais simpático —, um homem muito culto, conhecedor da antiga civilização deste país. Ciro e Roxana, os filhos, são muito espertos. A senhora já os conhecia, lá no Brasil?

Laís sorriu, disfarçando uma certa tensão, e respondeu com uma pergunta:

— Como eles estão?

— Estão bem! Desfrutando dos roteiros turísticos em Luxor, juntamente com os outros do grupo.

— E o que vai acontecer com eles?

Ora, nada! Só estão detidos enquanto a polícia não concluir as investigações. Quando tudo estiver terminado, eu irei pessoalmente a Assuã para trazê-los de volta ao Cairo.

— Você disse Assuã? — quis confirmar a jornalista.

Said não confirmou, simplesmente mudou de assunto, com um certo tom de ironia.

— Fique tranqüila, não creio que um homem como Péricles possa estar envolvido numa história tão escabrosa quanto essa!

— Muito obrigada! — Laís se despediu meio nervosa. O último comentário de Said havia sido bastante dúbio. Teve a impressão de que ele escondia algo importante.

"Estariam tramando alguma coisa contra Péricles?", pensou.

24. CONVERSAS COMPROMETEDORAS

E enquanto Laís, no Cairo, tentava encontrar os fios para desembaraçar aquela trama, em Luxor, os brasileiros ouviam algumas coisas que os deixavam ainda mais embaraçados, sem saber o que pensar.

O dia amanheceu quente, como sempre acontece no Egito.

— É verdade que neste país chove só duas vezes por ano? — Roxana perguntou ao pai, enquanto se arrumavam para sair.

— É sim! Não é à toa que isto aqui é um deserto! — comentou Péricles. — Você não viu a Cidade dos Mortos, que lugar mais árido?

— E hoje, onde é que nós vamos? — quis saber a menina, revirando os folhetos da Green Valley.

— Vamos ao Templo de Carnaque! — esclareceu o professor, olhando para o relógio. — E já estamos atrasados.

Foi então que os dois se deram conta de que, mesmo com o sol forte iluminando o quarto inteiro e mais toda aquela conversa em voz alta, Ciro continuava dormindo.

— Ei, filho, como é? Vamos acordar!

Que acordar, que nada! O menino parecia desmaiado.

— Ciro, está na hora! Vamos conhecer um templo lindo! — dessa vez era Roxana que tentava fazer o irmão levantar, acariciando seus cabelos e sussurrando em seu ouvido.

Ele se virou para o outro lado e puxou o lençol, cobrindo até as orelhas.

— Deixa, Roxana! — sugeriu Péricles.

— Ah, pai! Eu estou preocupada com o Ciro. Desde ontem que ele anda esquisito. E agora não quer acordar! Será que está doente?... — E com cara de quem se lembra de uma coisa terrível, ela continuou: — A Maldição do Faraó! Será que ele encostou em alguma daquelas peças lá no Museu do Cairo?

— Deixe de bobagens, Roxana! Ciro ainda está cansado. Ele bebeu muito e quase não dormiu a noite passada. É natural que hoje esteja precisando se recuperar. Além do mais, essa maldição é uma lenda!

— Acho que você tem razão! — a menina se convenceu. Ficou calada por uns instantes até que um pensamento desagradável passou pela sua cabeça, e tornou a falar: — E nós, o que vamos fazer?

Péricles pensou um pouco e acabou decidindo:

— Vamos ficar! Pelo jeito, Ciro não vai acordar tão cedo, e eu não tenho coragem de deixá-lo sozinho aqui no hotel. Ainda mais com esse clima pesado!

— Droga! — esbravejou Roxana. — Tudo por causa desse bocó! Tinha de encher a cara, tinha? Bem que eu disse que ele era criança para beber!

— Ora, nada de rancores, minha filha! Vamos tomar café e tentar saber se já têm alguma novidade sobre o roubo.

Ao passarem pelo saguão, viram Tufik reunindo as pessoas para o passeio.

— Ei, professor! — gritou o guia. — Está atrasado...

Péricles explicou o problema do filho, dizendo que não iriam.

— Deve ser a Maldição do Faraó! — o egípcio comentou.

— Como?! — estranhou Péricles.

— É uma brincadeira que costumamos fazer aqui quando os turistas passam mal. Na maior parte das vezes é por causa da comida, sabe? Eles não estão acostumados com o nosso tempero.

— Ah! — exclamou o brasileiro. — Pensei que você estivesse falando sobre a lenda dos tesouros de Tutancâmon.

De qualquer forma, era uma pena não ver Carnaque. Infelizmente, tinha de ser assim. Mas no dia seguinte Ciro estaria bom, e eles visitariam o Templo de Luxor, como estava programado. Roxana, no entanto, continuava emburrada, e Péricles procurava uma maneira de entreter a menina no próprio hotel.

— Já sei, vamos nadar na piscina?

E a idéia parece que agradou. Eles entraram novamente no quarto e trocaram de roupa, mas nada de Ciro acordar.

O garoto só levantou bem mais tarde, como quem desperta de um sono profundo e sem sonhos, experimentando uma sensação de vazio. Meio atordoado, ele se esforçava para trazer à memória os acontecimentos do dia anterior, quando de súbito percebeu que estava sozinho. Onde estariam o pai e a irmã? Era impossível que o tivessem abandonado! Lembrou-se do roubo da coroa e sentiu um arrepio gelado percorrer o corpo. Teriam descoberto alguma coisa e o pai fora chamado a prestar esclarecimentos? O menino não sabia o que fazer. Procurou seus óculos, tateando a superfície do criado-mudo e, ainda de pijama, saiu na varanda do apartamento.

Sentado à beira da piscina, Péricles avistou o filho lá em cima, na balaustrada do segundo andar, e gritou:

— Ei, Ciro, venha dar um mergulho!

O menino sentiu um alívio. O pai não parecia nem um pouco preocupado. Sinal de que tudo estava em ordem. Vasculhando todo o jardim com o olhar, Ciro avistou Roxana dentro da água. Mais que depressa, procurou na mala o seu calção de banho e correu escadaria abaixo.

— Descansou bem? — perguntou o pai.

— Acho que sim!

— Então dê uma caída, antes do almoço. A piscina está ótima! E vamos aproveitar o sossego enquanto os outros não chegam. Está tão bom aqui, sem precisarmos ver as caras daquele pessoal!

Nem bem ele acabou de falar, Annie e Tina surgiram do interior do edifício. As duas usando maiô e óculos escuros. Péricles voltou sua atenção para o livro que trazia consigo. Ciro mergulhou em direção à irmã, mas mal trocaram algumas palavras e ele sentiu vontade de ir ao banheiro.

— Eu já volto! — disse para Roxana.

As neozelandesas se acomodaram nas cadeiras bem próximas da água. E como não paravam de falar, a menina resolveu esticar os ouvidos. Nadando bem na beirinha e utilizando a parede da piscina como esconderijo, ela se aproximou até conseguir escutar.

— Quantas bonecas faltam? — perguntava Tina.

— Apenas uma. Ficaram de entregar aqui, mas com essa confusão toda não sei não... Agora ficou tudo mais perigoso.

Enquanto isso, no banheiro dos homens, Ciro já ia saindo, quando percebeu dois rapazes conversando. Reconhecendo as vozes de Michael e Dave, resolveu continuar trancado e esperar.

— Não adiantou nada o nosso plano! — comentava Dave. — Agora é que a polícia não vai esquecer da gente mesmo. A essa altura a notícia já chegou em Londres, e é claro que o nosso nome está em todos os jornais novamente.

25. UM DEPOIMENTO IMPORTANTE

Depois de almoçar, Laís ficou trabalhando no hotel até o fim da tarde. Fez algumas ligações interurbanas, redigiu uma matéria e a enviou pelo telex para o jornal em São Paulo. Em seguida, foi para o quarto e descansou até o começo da noite, quando tocou o interfone. Era da recepção.

— Mrs. Laís, já são nove horas, a senhora pediu para chamar.

— Obrigada — ela disse. — Você poderia me arranjar um táxi para daqui a uma hora, por favor? — pediu ao recepcionista.

— Pois não!

E nessa uma hora Laís se aprontou, procurando não esquecer de nada. Antes de sair, testou mais uma vez o gravador portátil. Estava tudo em ordem. O resto agora era uma questão de coragem, pois teria de enfrentar o dono do restaurante. Provavelmente uma pessoa poderosa, e quem sabe perigosa.

— Faraós do Nilo. O senhor sabe onde fica? — ela perguntou ao motorista do táxi.

— Claro que sei, senhora! Uma das melhores casas de todo o Egito.

O movimento já era intenso àquela hora da noite. Ao ver uma mulher entrando sozinha, o *maître* se apressou a recepcioná-la, oferecendo uma mesa. Laís agradeceu e, sem perda de tempo, foi direto ao assunto.

— Gostaria de falar com o proprietário! — E apresentando suas credenciais, acrescentou: — Imprensa do Brasil!

— Ele deve estar chegando para apresentar o show — esclareceu o chefe dos garçons, melhorando a postura. — Assim que puder darei o seu recado.

Mas o homem chegou em cima da hora e foi direto para o palco, iniciar o espetáculo.

"Então é esse o cidadão que eu vou ter de encarar", pensava Laís, observando a simpatia ensaiada do apresentador. O texto decorado na ponta da língua e os trejeitos devidamente estudados para seduzir a platéia. "Canastrão!", ela concluiu.

E num instante ele estava na mesa dela, com o mesmo ar de sedutor.

— Boa noite, meu nome é Medina. Em que lhe posso ser útil?

Enquanto falava, a jornalista abriu a bolsa na intenção de pegar um cigarro. Era apenas um subterfúgio para ligar o gravador escondido.

Medina fingia interesse, mas na verdade não a levava a sério. Encarava Laís com olhos de conquistador.

— Sempre me disseram que as mulheres brasileiras eram muito bonitas. Mas eu nunca tinha tido a oportunidade de confirmar isso pessoalmente. Estou vendo que quem falou tinha razão!

Laís se controlou para não xingá-lo de machão. Sabia que se fechasse o tempo não iria conseguir nada. O jeito foi contornar a situação e fingir que não havia entendido.

— Mas, como eu ia dizendo, estou aqui a trabalho... — ela fez questão de frisar.

— Que ótimo! — interrompeu Medina, outra vez. — Que tal fazer uma reportagem sobre amantes egípcios?

Laís se irritava cada vez mais com aqueles galanteios. Mas manteve a calma e continuou falando rápido, para não ser interrompida.

— Soube que você empregava um garçom chamado Omar, que está diretamente envolvido no caso da coroa de Tutancâmon.

— Ah, então foi por isso que você veio! Mas eu já expliquei para a polícia! Omar apenas prestava serviços esporádicos. Só mesmo em dias de muito movimento. E para trabalhos assim não costumamos ter contrato. Sabe como é, não se pode pagar um garçom reserva para as eventuais necessidades, então recorremos a esses que andam por aí, precisando fazer uns bicos. Isso é comum por aqui. Trabalhou, ganhou por aquela noite e estamos conversados. Eu não sei nada sobre ele, a não ser que é um bom profissional. Nunca me causou nenhum problema, com exceção dessa história de roubo, agora... Sei lá como foi se meter nisso!

— Compreendo — disse Laís. — Acho mesmo que perdi meu tempo vindo até aqui.

— Por favor, não diga uma coisa dessas! Eu tenho o maior prazer em receber uma mulher tão interessante. Inclusive peço permissão para

lhe oferecer o jantar desta noite. Tudo por conta da casa. E depois que terminar o show, estarei livre e quero convidá-la para conhecer outras atrações noturnas do Cairo. — Havia muita malícia naquela conversa toda.

"Estou bem arrumada com esse galã de meia-tigela", Laís refletia, enquanto Medina levantava o braço e chamava o *maître*.

— Traga um champanhe para esta mesa! — ordenou.

E depois, jogando novamente seu charme para cima da jornalista, pediu que ela o esperasse. Ele precisava voltar ao palco para encerrar a apresentação.

"Até parece que eu vou esperar!", pensou a jornalista. E assim que o egípcio se levantou, ela se levantou atrás, antes mesmo que o garçom chegasse com o champanhe. Atravessou o salão em direção à saída e, já do lado de fora, pediu ajuda ao porteiro para arranjar um táxi.

— Rápido, por favor! Estou com muita pressa.

Ampliada pelo microfone, a voz do apresentador se fazia ouvir a uma certa distância. Laís precisava sair logo dali. O espetáculo estava terminando e Medina poderia alcançá-la. Por sorte, o automóvel não demorou a aparecer. E oferecendo uma gorjeta ao rapaz da portaria, ela ainda se lembrou de perguntar:

— Você conhece o garçom Omar?

— Só o vi algumas vezes por aqui. Mas sei que o patrão é muito amigo dele. Por que a senhora não pergunta...

— Obrigada, mas não tem necessidade...

E Laís entrou no táxi lamentando: "Que pena não ter gravado esse último depoimento".

26. A TRÍADE TEBANA

— Ciro, ponha seu chapéu, o sol está muito forte! — recomendou Péricles.

Nessa manhã o menino se sentia muito bem. Não seria por sua causa que o pai e a irmã perderiam passeio algum. Tanto é que já se encontravam na entrada do Templo de Luxor, felizes e emocionados com a beleza do lugar. E tudo estaria melhor ainda, se não fossem obrigados a andar com aquele grupo de turistas. Todos continuavam mal-humorados, escondendo o medo atrás da arrogância.

Roxana ameaçou retomar o assunto do roubo, analisando o comportamento de cada um, mas Péricles foi logo cortando.

— Roxana! Esqueceu o nosso trato?... Vamos ouvir o que Tufik está falando. Parece interessante.

— O Templo de Luxor foi erguido na época do Novo Reinado por Amenófis III. Antigamente, aqui no portal existiam dois obeliscos. Mas um foi doado a Napoleão e hoje se encontra em Paris.

— É incrível! — comentou Ciro, completamente encantado com as ruínas.

— Sigam-me! — continuava o guia, caminhando construção adentro. — Aqui reinaram alguns dos faraós mais famosos, como Tutancâmon, por exemplo. E este salão em que nós estamos era a Grande Corte de Ramsés II.

Roxana não se concentrava, não conseguia respeitar o trato com o pai. A presença de Michael canalizava sua atenção. Ele e Dave haviam abandonado as indumentárias punks. Nada de pulseiras, braceletes e tachas de metal. Vestiam-se normalmente, como dois rapazes comportados, um tanto deprimidos.

Novamente o texto da prova de inglês voltava à sua mente. Aquele que falava dos jovens infelizes. Como ela gostaria de penetrar no mundo deles. Nem que fosse só por um minuto. Não para sentir infelicidade, é claro! Mas para compreender melhor tanta tristeza e, quem sabe, levar um pouco de alegria.

Entretanto, o medo impedia Roxana. Principalmente depois da conversa que o irmão havia escutado no banheiro. Nem passava pela sua cabeça se aproximar outra vez de Michael. Embora, no fundo, não acreditasse que ele estava envolvido.

A garota também observava os americanos e seus narizes empinados. "Esses, sim, poderiam ser colecionadores de objetos roubados. Imaginem, Charles chamando Mary de rainha, onde já se viu?", pensava.

Mas também havia as neozelandesas. Nunca mais elas carregaram boneca alguma. Roxana deu uma risadinha. "Até que era gozado, duas mulheres adultas gostando de bonecas."

Tomiko, por sua vez, não pedia mais para ser fotografada, no entanto continuava fotografando. Não parecia mais tão amável como no começo. Era uma pena! A menina simpatizava com a japonesa. Gostava de seu porte elegante e seu jeito profissional.

E o guia não parava de falar:

— Esta é a mesquita de Abu el Haggag! Os árabes a construíram aqui dentro utilizando algumas colunas e paredes do Templo. E ali... — ele fez um suspense —, ali é o Templo da Tríade Tebana...

Por alguma razão ainda desconhecida, ao ouvir aquele nome Ciro sentiu um arrepio.

— Tríade Tebana!? O que é isso, pai? — o menino perguntou.

— É uma família de divindades. Amon, deus-sol da criação, é o pai. A mãe é Mut, deusa-abutre da guerra, e Khonsu, deus lunar com cabeça de falcão, é o filho.

— Khonsu! — Ciro repetiu. — Eu me lembro dele, lá do Museu Britânico!

E sem esperar mais nenhum comentário de Péricles, correu para o Templo da Tríade. De cima do pedestal, a estátua de Khonsu parecia viva, enxergando através dos olhos de falcão. O mesmo falcão dos seus sonhos, o garoto se lembrou. Deus da mesma lua que ele tanto gostava de ficar olhando nas noites sem sono.

De repente, os hieróglifos coloridos das paredes começaram a vibrar de forma estranha. Pareciam desenhos animados, representando cenas que iam se embaralhando, se embaralhando, tentando contar alguma história.

— O que está acontecendo? — perguntou Ciro assustado. — E eu nem estou bêbado, nem nada!

E foi nesse instante que uma das pedras do piso se soltou, abrindo corno se fosse um alçapão. Dentro do buraco, uma escadaria convidava o garoto a descer para o calabouço. E ele não pôde resistir. Quanto mais descia, mais escuro o caminho se tornava. Até que a porta, acima de sua cabeça, se fechou.

— Socorro! Socorro! Quero sair daqui!...

Não adiantava gritar. A espessura do chão era muito grossa e ninguém poderia ouvi-lo. Péricles, Roxana e os demais, entretidos com Tufik, já iam distantes, quase no fim do Templo de Luxor.

Ciro sentou no último degrau da escada, já com vontade de chorar, quando, em meio à escuridão, foi surgindo uma luz. Fraca no começo, aos poucos, porém, ia clareando todo o ambiente, deixando entrever algumas pessoas que, envolvidas por uma névoa, moviam-se lentamente. Era como um filme projetado numa grande tela, que vinha se aproximando devagarzinho e colocando o espectador junto na trama.

O garoto continuava no mesmo lugar, mas agora havia se transformado num senhor de meia-idade. Sentado em posição de lótus, com os joelhos dobrados, tinha sobre o colo uma pilha de papiros e, no cargo de escriba da corte, anotava a cerimônia.



— O que está acontecendo? — perguntou Ciro assustado. — E eu nem estou bêbado, nem nada!

Anúbis, o deus dos mortos, protegia com sua presença o embalsamento de um jovem faraó. O clima era de grande expectativa. Iam pesar o coração do rei.

— ... e se o coração pesar mais do que esta pluma... — dizia o Grande Sacerdote — o morto estará condenado a não alcançar a outra vida.

A rainha-mãe olhava aflita para a balança. A princesa de Assuã, viúva antes mesmo de casar, chorava sobre o corpo estendido do noivo. Duas sacerdotisas entoavam hinos fúnebres. Um servo banhava em óleo perfumado as vísceras de seu senhor.

Foi então que Ciro começou a perceber que conhecia todos aqueles personagens. O Grande Sacerdote era Charles. Mary estava muito ansiosa com o destino da alma de seu filho Michael, o faraó morto. O canto de Annie e Tina fazia aumentar a dor da princesa Tomiko. E Dave parecia um escravo muito fiel.

Acima de todos pairava a imensa figura da esfinge de alabastro. Aquela que Ciro havia visto em Mênfis. E, mais uma vez, a voz estrondosa ecoou.

"Decifra-me ou te devoro."

27. UMA TURISTA CURIOSA

— Meu filho! Seqüestraram meu filho!

Péricles perdia o controle emocional, não sabendo mais o que pensar sobre o desaparecimento de Ciro. Com a fisionomia transfigurada, somente a muito custo ele conseguia conter as lágrimas. Roxana percorria o caminho de volta, em direção à entrada do Templo, gritando desesperada.

— Ciro, Ciro! Onde está você?

Tufik também demonstrava nervosismo e inquietação, pensando que atitude tomar.

— Ele vai aparecer, professor, não se preocupe! — dizia, querendo consolar, mas sem nenhuma convicção.

— Quando? — exasperou-se o pai. — Faz mais de uma hora que nós estamos procurando... Eu quero falar com a polícia, chame a polícia aqui, agora!

Os demais turistas observavam a cena, fazendo comentários em voz baixa. Péricles enxergava a todos como inimigos, sentindo-se hostilizado. Mas, quem acusar? Era uma situação muito difícil aquela do professor.

Enquanto isso, o motorista do ônibus buzina, irritado.

— Como é, vamos ou não vamos? Pensam que eu ganho hora extra, é?

Mais uma hostilidade contra aquele pobre pai.

— Ora, seu... — Péricles já ia xingando, mas Tufik o chamou de lado, tentando acalmá-lo.

— Professor Péricles, não seria melhor voltarmos? Quem sabe seu filho se perdeu de nós e resolveu ir para o hotel sozinho? Se ele não estiver lá, chamaremos o delegado Farid. Aliás, talvez nem seja preciso, o inspetor Kalil já deve ter chegado do Cairo a uma hora dessas — afirmava o guia, olhando para o relógio. — Segundo eu soube esta manhã, ele tem informações bastante precisas sobre o roubo. Portanto, se esses dois casos tiverem alguma ligação, certamente ele saberá como agir.

Como não havia nada que pudesse fazer por conta própria, Péricles achou melhor concordar. Roxana, embora sempre agarrada ao pai, fazia suas próprias conjecturas. E como ninguém entendia mesmo o português, foi falando o caminho todo, dentro do ônibus.

— Você acha mesmo que foi um seqüestro, pai?

— Do jeito que as coisas andam, o que mais eu posso pensar? — questionou Péricles.

— Eu não sei se o que estou pensando tem alguma coisa a ver... O Ciro me pediu para não te falar nada, mas... — e a menina hesitou por alguns instantes.

— Fale de uma vez! — insistiu o pai, aflito.

Roxana contou tudo o que havia acontecido com o irmão no Museu Britânico. E depois, num estalo de memória, lembrou-se das misteriosas sombras que a lua projetava no rosto do menino.

— Uma coisa impressionante, pai! Ele ficava parecendo um pássaro, acho que um falcão.

— Khonsu!... — deduziu o pai. — Foi pra sala do deus da lua que ele correu depois da nossa última conversa!

— Mas eu procurei lá, e ele não estava!

Nesse instante, os dois viram um amontoado de gente do lado de fora do ônibus. O motorista já estava estacionando. Em frente ao Etap Hotel, dezenas de jornalistas aguardavam pelos turistas. A notícia do roubo havia corrido o mundo e a imprensa internacional chegava para

cobrir os fatos. Fotógrafos e câmeras de televisão iam surgindo de todos os lados.

— Não fale com eles, Roxana! — avisou o pai.

E essa era também a atitude dos outros do grupo. Todos se esquivavam das perguntas. Charles chegou mesmo a esconder o rosto, utilizando para isso a aba do seu boné.

Laís chegou em Luxor junto com os outros repórteres. Usando óculos escuros e chapéu de verão, assistia a tudo de longe, tentando não ser notada. Disfarçada de turista curiosa, entrou no saguão, onde já se encontravam Farid e Kalil.

Péricles reconheceu o investigador. Era o mesmo sujeito inexperiente que havia iniciado o inquérito, no Museu do Cairo.

— Muito bem, inspetor Kalil, agora o senhor tem mais um enigma para decifrar. Meu filho desapareceu!

E a declaração estourou feito uma bomba entre os repórteres, que se aproximavam, ávidos por sensacionalismo.

— Oh! — exclamou Laís, sentindo uma ligeira vertigem. Teve um ímpeto de correr para junto de Péricles. Mas se conteve, a todo custo.

Kalil ficou desconcertado com a notícia do desaparecimento do menino. Havia chegado ao hotel com algumas evidências que, embora não constituíssem provas definitivas, serviam pelo menos para identificar o principal suspeito. E para ele isso era o bastante. Quanto antes encerrasse o caso, melhor. Certamente, não queria se ver envolvido numa questão diplomática.

O inspetor pediu licença por alguns instantes, fazendo um sinal para que Farid o acompanhasse até o canto do salão. Discutiram em árabe por alguns segundos, criando um clima de suspense insuportável, que parecia durar horas.

Annie roia as unhas de tanto nervoso. Tina acendia um cigarro atrás do outro, Michael e Dave se entreolhavam cada vez mais pálidos. Aparentemente, Tomiko mantinha a calma, mas em sua camisa de seda duas manchas de suor aumentavam cada vez mais, embaixo dos braços, denunciando o quanto transpirava. Mary abriu a bolsa, retirando dois comprimidos, que ela e Charles engoliram a seco.

Terminada a conversa, os policiais pareciam ter chegado a um acordo quando voltaram ao centro do saguão, onde os turistas continuavam de pé, rodeados por jornalistas. Laís permanecia atrás daquele amontoado de gente, tentando escutar o que Kalil falava.

Olhando diretamente para Péricles, o inspetor apresentava suas conclusões.

— A polícia do Cairo conseguiu capturar um dos ladrões. E no bolso dele foi encontrado este papel personalizado, com o nome de sua filha escrito e um endereço de São Paulo, que por sinal é da sua residência...

O professor empalidecia, enquanto Kalil continuava falando:

— Provavelmente, esse é o lugar onde deveria ser entregue a coroa. O nome da filha não passa de um pequeno truque para tentar nos enganar. Assim como o desaparecimento de seu filho, que o senhor mesmo escondeu para se fazer de vítima!...

— Não é nada disso! — gritou Péricles, sentindo-se completamente perdido.

Os repórteres se agitavam. Flashes e mais flashes pipocavam no ambiente. Laís estava perto de um desmaio, e teria mesmo caído se não tivesse encontrado um sofá a tempo de se apoiar.

Enquanto isso, Kalil abria o bilhete, e dessa vez quem gritou foi Roxana:

— Essa letra é minha! Eu mandei meu endereço para o Michael pelo garçom do Faraós do Nilo.

— Eu nunca vi esse bilhete! — respondeu Michael, alterado.

Mas o inspetor ignorava a discussão entre a menina e o inglês. Havia tomado uma decisão e pronto. Caso contrário, a história iria longe demais, e ele não via a hora de se livrar de tudo aquilo.

— O senhor ficará detido, professor Péricles!

Respirando fundo, Laís ia recobrando suas energias aos poucos. Realmente, aquele não era o melhor momento para fraquejar. Precisava planejar algo, porém com cuidado, para não pôr tudo a perder agindo precipitadamente.

— E meus filhos, o que vocês vão fazer com meus filhos? — perguntou Péricles a Kalil.

— A menina ficará no hotel e será bem tratada. Já providenciamos para que Tufik fique tomando conta dela. O senhor irá para uma cela na delegacia, até descobirmos o que foi feito do seu filho. Depois será transferido para o Cairo.

Até mesmo os jornalistas estranharam a arbitrariedade do inspetor, e alguns deles ousaram perguntar:

— Como o senhor pode acusar o professor, se ainda nem mesmo encontrou a coroa? Ou já encontrou?



— E meus filhos, o que vocês vão fazer com meus filhos? — perguntou Péricles a Kalil.

— Ainda não, mas isso é só uma questão de tempo. Os senhores logo poderão confirmar que eu tenho razão.

— O jornalista é quem está com a razão, inspetor Kalil! — argumentou Péricles em sua defesa. — Eu exijo falar com o cônsul brasileiro! O senhor não pode concluir esse inquérito apenas por um bilhete que, simplesmente, caiu em mãos erradas! Isso não é prova de nada!

— Não, professor? — E numa atitude de quem ainda guarda um último trunfo no "bolso do colete", Kalil continuou: — E o que o senhor me diz disso, que foi encontrado na lixeira do seu apartamento no Indiana Hotel? — perguntou, apresentando um mapa do Museu do Cairo.

No papel, todo amassado, estava desenhada a localização exata de cada pessoa do grupo de turistas na hora do roubo.

28. LAÍS E ROXANA TÊM UM SEGREDO

Sentada onde estava, Laís viu quando Péricles foi levado pela polícia, reclamando o tempo inteiro que aquilo não estava certo, que ele tinha direito a defesa e exigia mais uma vez a presença do cônsul brasileiro.

— O senhor irá falar com o cônsul — esclarecia Kalil —, mas quando chegarmos ao Cairo.

Os demais turistas logo desapareceram, inclusive Roxana, que subiu para o quarto chorando. Tufik havia se oferecido para acompanhá-la.

— Pode deixar, eu sei o caminho! — respondeu a menina.

Laís não podia agüentar mais. Bastante nervosa, rabiscou algumas palavras num bilhete e se dirigiu à recepção.

— Você poderia entregar isso para Roxana, a menina brasileira? — pediu ao funcionário.

— Não sei não! Ela está sob os cuidados do guia turístico. Acho melhor a senhora falar com ele.

Laís logo percebeu que teria de se valer outra vez do velho truque. Pegou vinte dólares e dobrou junto com o papel, deixando uma ponta da nota à mostra. Imediatamente, o rapaz do balcão chamou um colega para ficar em seu lugar e saiu, levando o bilhete.

— Diga que é urgente — avisou a repórter. — Estou aguardando resposta.

Demorou apenas alguns minutos para que Roxana aparecesse correndo no saguão, esforçando-se ao máximo para não se atirar nos braços da jornalista.

— Procure se controlar — Laís recomendou. — Ninguém pode descobrir esse nosso segredo. Caso contrário, vai ser muito difícil eu poder ajudar.

— Tudo bem, eu já entendi!... E sobre o Ciro, você está sabendo?

— Eu estava aqui quando vocês chegaram do Templo e assisti toda aquela cena. — Os olhos de Laís estavam molhados de lágrimas.

— Então você sabe de tudo! — concluiu Roxana.

— Sei apenas o que eu pude investigar. Agora eu quero saber o que você sabe.

A menina ia começar a contar, mas teve de interromper. Vindo da cafeteria, Tufik atravessava o saguão.

— Olha lá o guia da Green Valley. Agora que mandaram ele tomar conta de mim, não vai mais sair daqui do hotel. Vai ficar pegando no meu pé o tempo inteiro... Ih, acho que ele já me viu. Está vindo para cá!...

— Não se preocupe, deixe que eu me viro com ele — tranquilizou Laís.

— Boa tarde! Posso ser útil em alguma coisa? — Tufik perguntou ao se aproximar.

— Boa tarde! — respondeu a repórter, apresentando-se. — Eu sou jornalista no Brasil e estou aqui como correspondente. Então aproveitei para saber se a menina precisa de alguma coisa. Talvez eu possa contatar a família dela.

— Está tudo em ordem? — perguntou o guia para Roxana, com cara de desconfiado.

— Claro que está tudo em ordem! Está é a... — quase que ela estraga todo o segredo.

Laís, aflita, lançou um olhar sério para a garota, que, gaguejando, conseguiu consertar a tempo.

— Esta é a... jornalista mais famosa do meu país.

— Então, está bem! — respondeu Tufik. — Mas já sabe, precisando, é só me chamar!

— Puxa! — comentou Laís, quando o guia se retirou.

— Você quase entrega o jogo!

— Desculpe, eu fiquei nervosa!

— Esqueça! Até que você se saiu bem. Só não precisava exagerar tanto. Jornalista mais famosa do país!... Quem sou eu?

E no meio de tanta angústia, as duas conseguiram encontrar, embora brevemente, motivo para sorrir um pouquinho. Mas não havia tempo a perder.

— Agora me conte tudo, Roxana! — Laís retomava o assunto interrompido. — Desde o início!

— Bom, tudo começou em Londres...

E Roxana reviveu cada etapa da viagem, procurando lembrar de todos os detalhes. Mary e Charles na agência de turismo. Tomiko no Museu Britânico. Michael e Dave em Convent Garden. Annie e Tina durante o voo. E depois todos no Egito, na mesma excursão.

— Era muita coincidência — continuava a garota.

— Com o roubo, então, nós até pensamos que eles pertenciam a uma quadrilha internacional. Mas...

Laís se esforçava para encontrar sentido naquela história toda. Americanos se passando por australianos. Duas mulheres deslumbradas com *souvenirs*. Uma japonesa rica, elegante até demais para trabalhar como fotógrafa. E dois rapazes agressivos, valentes no princípio e medrosos no final. Eram dados novos para a jornalista e que não estavam nas fichas da Green Valley. Ela precisava investigar.

Ao terminar de falar, Roxana estava até cansada. Mas Laís queria compreender melhor alguns pontos.

— Como eram essas bonecas das neozelandesas?

— Eram bonecas típicas de cada país por onde passavam — esclareceu a garota.

— E sobre Michael? — continuou a repórter. — Você acha que ele está mentindo quando diz que não recebeu seu bilhete?

— Acho que... — Roxana hesitou. — Não sei.

— Fale a verdade! — desconfiou Laís. — Você ficou atraída por esse rapaz, não foi?

— Por que você acha isso?

— Ora, pelo jeito com que você fala dele! Pensa que eu não sei como são essas coisas?... Mas o que eu quero saber mesmo é o que diz a sua intuição. Ele está ou não envolvido no roubo da coroa?

— Eu sinto que não!

Laís olhou para o relógio, refletiu por alguns instantes e ainda perguntou:

— Qual seria a próxima etapa do roteiro turístico? Vocês iriam para Assuã?

— Não, papai disse que não valia a pena gastar dinheiro num lugar com poucas coisas para se ver.

— Está bom, Roxana. Agora vá descansar. Eu vou para o meu hotel dar uns telefonemas e raciocinar um pouco. Mais tarde eu volto. Se alguém te procurar para falar alguma coisa do Ciro, você me liga imediatamente, neste número... — ela entregou o cartão do hotel em que estava hospedada. — E não se esqueça do nosso segredo, certo?

29. LAÍS TEM UM PLANO

Já eram quase oito horas da noite e o sol se punha, espalhando um clarão vermelho no horizonte, além do deserto. Recobrando os sentidos, Ciro começou a perceber que a luz no canto do calabouço nada mais era do que a luminosidade exterior, entrando por uma passagem subterrânea. Embora atordoado, guardava na memória as imagens nítidas de um sonho estranho. Várias partes do seu corpo doíam, as roupas estavam bastante sujas e os óculos... Cadê os óculos?... Talvez estivessem em algum degrau da escadaria, foi o que ele pensou. Mas, por incrível que pareça, não havia nenhuma escadaria.

"Então, como foi que eu entrei aqui?... Será que eu caí lá de cima?", perguntava-se intrigado, sem encontrar resposta.

E os óculos? Pelo menos isso ele tinha de achar. Ajoelhado no chão, vasculhou palmo a palmo a sala inteira. E quando finalmente os encontrou, a luz interior que ainda restava começou a desaparecer. Mais que depressa, o menino se lançou túnel adentro, guiado pelos últimos raios de sol, até encontrar a saída, num imenso pátio ao lado do Templo.

Enquanto isso, Laís retornava ao Etap Hotel. Tufik, conversando na recepção, não notou quando a jornalista entrou e se dirigiu direto ao quarto de Roxana.

— Puxa, como você demorou! — disse a menina, ao abrir a porta. Mas ao fechá-la, Laís fez o que já estava com vontade de fazer há muito tempo.

— Aqui nós não precisamos disfarçar tanto. Vem cá, minha filha, me dá um abraço!

E dessa vez as duas deixaram as lágrimas rolarem à vontade.

— Puxa, mãe, que bom que você veio! — exclamou Roxana, agarrada em Laís.

— Alguma coisa me dizia que eu precisava vir — confessou a jornalista, recompondo-se.

— Descobriu alguma coisa sobre o Ciro? — A menina estava ansiosa.

— É isso que está me intrigando mais. Que interesse alguém teria em seqüestrar Ciro? Não consigo entender... Mas vamos em frente, nós vamos descobrir, tenho certeza!

— Como?

— Lá no Cairo, assim que consegui ver as fichas dos turistas, liguei para o pessoal do jornal em São Paulo e pedi que fizessem uma busca nos arquivos. Não sei por que, mas me bateu uma sensação de já ter lido alguma coisa ou ouvido falar sobre alguns daqueles nomes. E se fossem pessoas importantes, talvez houvesse alguma coisa sobre eles nos jornais. Sei lá, eram apenas suposições. Pois bem, agora eu liguei novamente e... acho que não está muito difícil ligar os fatos. Mas, para não ter dúvida nenhuma, falta checar umas coisas. Eu tenho um plano!... Por acaso você tem uma boneca?

— Boneca, pra quê?

— Depois eu explico...

— Tenho uma da KLM, que o papai comprou na viagem para mim!

— Ótimo! Só que tem uma coisa, você vai perder essa boneca!

— Não faz mal. Fala o que você está pensando.

Preocupada em seguir seu raciocínio e com pouco tempo para agir, Laís não respondeu à pergunta da filha. Pegou uma folha com o timbre do hotel e fez um bilhete em inglês, propositalmente mal escrito. Depois, dobrou o papel e deu um jeito de prendê-lo na roupa da boneca.

— Qual é o quarto das neozelandesas? — perguntou.

— É aquele no começo do corredor, bem ao lado da escada — Roxana respondeu.

— Vamos fazer o seguinte: você larga essa boneca em frente ao quarto delas, bate na porta e sai correndo para o saguão. Fique lá por uns instantes. Sente-se no sofá e pegue alguma coisa pra ler, assim como quem não quer nada, sabe?

— Sei.

— Se Annie ou Tina aparecerem por lá procurando Tufik, você corre e vem me avisar!

— E se elas não aparecerem?

— Você espera uns vinte minutos e vem me avisar do mesmo jeito. Agora, vá! E cuidado!

Sozinha no quarto, Laís pensava: "Tomara que eu esteja certa". E os quinze minutos que ela ficou esperando pareceram uma eternidade. Enfim, Roxana chegou, bufando.

— E então?

— Annie apareceu e foi direto à mesa de Tufik, que estava na cafeteria.

— Então é isso mesmo o que eu imaginava! — exclamou Laís. — Agora vamos à segunda parte.

— Por que você não me conta o seu plano? — perguntou a filha.

— Porque não dá tempo, meu bem! — respondeu a mãe, já segurando o aparelho do telefone. — Você sabe qual é o número do apartamento dos americanos?

— Três, zero, três.

— Eu vou tentar entrevistá-los.

Muito mal-humorado, Charles atendeu, dizendo que não ia falar com imprensa coisíssima nenhuma, que estava no direito dele e que, por favor, ela não insistisse.

— Eu já esperava por isso! — comentou Laís ao desligar, e continuando seu plano, perguntou: — Agora o apartamento de Tomiko. Você sabe o número, Roxana?

— Deixe eu pensar! Fica no último andar, no fim do corredor. Deve ser quatro, zero, nove. É isso mesmo, eu vi quando ela pegou a chave.

A japonesa concordou em receber a repórter, mas com a condição de que fosse uma conversa bem rápida.

— Não saia daqui, Roxana, eu já volto!

Tomiko atendeu Laís vestindo um finíssimo quimono e escovando os cabelos.

— Eu sei que você está se arrumando para partir e não quero atrapalhar. Prometo que serei breve — a jornalista foi logo explicando.

— Por favor, entre!

— Obrigada! É que eu estou fazendo uma reportagem para o Brasil...

— Lindo lugar! Eu já estive no Brasil. Tenho parentes morando em São Paulo.

— O motivo que me traz aqui é o roubo da coroa.

— Ah, naturalmente, você quer a minha visão dos fatos! Você quer que o seu jornal seja lido pela colônia japonesa em seu país! Eu entendo dessas coisas. Trabalho para uma editora e sei bem como é esse negócio de atrair leitores.

Tomiko tentava ganhar tempo para não responder às perguntas. Mas Laís, percebendo o truque, passou a ser mais incisiva.

— Eu gostaria de saber algumas coisas sobre você!

— O quê, por exemplo?

— Por que está viajando, por exemplo?

— Ora, como eu disse, trabalho para uma editora e estou fazendo um livro ilustrado sobre o Egito.

Não era bem aquela história que Laís queria ouvir. Tinha outras informações sobre a japonesa e só estava preparando uma oportunidade para lançar as cartas na mesa. Era uma situação perigosa. Ela não podia prever a reação de Tomiko quando se visse encostada na parede. Mesmo assim, resolveu arriscar.

— Isso me parece uma boa desculpa para quem já teve seu nome envolvido num escândalo financeiro!

A japonesa lançou um olhar fulminante.

— Mas o que é isso, um interrogatório? O que você sabe a esse respeito?

— Sei o que todos os jornais noticiaram. O seu envolvimento amoroso com um homem corrupto, alto funcionário do governo do Japão.

Laís teve a impressão que Tomiko ia lançar fogo pelas ventas, feito um dragão. E, realmente, a japonesa começou a desafiá-la.

— Quem é você? Que direito tem de se intrometer na minha vida?

E quando a jornalista achou que ia ser expulsa do quarto, ou mesma agredida, a japonesa se calou. De súbito, mudou o tom de voz e passou a falar suavemente.

— Escute uma coisa, cara repórter! Não revolva essa história, por favor! Você acha que eu sofri pouco por causa disso? Fiz essa viagem tentando me afastar dos acontecimentos e começar vida nova. Não tenho culpa de ter me apaixonado por um homem corrupto. Como também não tenho nada a ver com esse caso da coroa. Compreenda, já estou exausta de tantas manchetes. Tudo o que eu preciso é descansar, relaxar, e por isso estou aqui, para esquecer.

Laís não esperava por essa cena e ficou sem saber o que falar. A japonesa continuou:

— Mas eu não tenho nada contra a imprensa. Principalmente do Brasil, um país onde moram parentes meus...

— Está bem — disse a jornalista, interrompendo. E no meio de tanta conversa, Laís havia até esquecido de fazer uma pergunta muito importante. Aliás, a principal de todas. Por sorte, Tomiko deu a informação espontaneamente.

— Meu vôo para Assuã é daqui a uma hora. Se você me der licença, eu preciso terminar de me arrumar.

"Assuã!", refletiu Laís, saindo do apartamento.

30. SURPRESAS

Escurecidas na noite sem lua, as águas do Nilo refletiam os pequenos pontos de luz da periferia de Luxor. Sujo, cansado, suado, Ciro chegou ao hotel depois de andar uns 3 quilômetros, beirando a margem do rio. O funcionário da recepção logo o reconheceu.

— Você está bem? O que aconteceu?... A polícia está procurando por você!

Mas Ciro não sentia a menor disposição para ficar dando satisfações a um estranho.

— Estou bem, apenas me perdi. Agora, com licença, vou procurar meu pai!

— Seu pai não está! — disse o rapaz, meio sem graça.

— Não está?! Onde ele foi?

— Mas a sua irmã está. Ela irá te contar tudo.

Esquecendo o cansaço, o menino disparou para o quarto, enquanto o recepcionista corria ao telefone para avisar o inspetor.

Na delegacia, Farid e Kalil comemoravam os acontecimentos daquela tarde como uma grande vitória. Uma garrafa de Omar Khayam sobre a mesa do delegado ia sendo esvaziada, rapidamente. De repente, o telefone tocou, no mesmo momento em que Tufik entrava, esbaforido.

— Ah, o menino apareceu!? — exclamou Kalil, atendendo ao aparelho. — Disse que estava perdido!... Sim, sim... Eu sabia que não era seqüestro coisa nenhuma. Deve ter sido mesmo mais uma tramóia daquele professor!... Tudo bem, estou indo para aí!

E ao desligar, o inspetor passou a prestar atenção no que o guia turístico falava com Farid.

— As neozelandesas me confundiram com outra pessoa. Então eu pude entender tudo. Acho melhor o senhor ir dar uma verificada, pessoalmente.

— Vamos para lá, agora! — concordou Kalil, intrometendo-se.

No hotel, Roxana ouviu baterem na porta e correu para abrir, na certeza de que era Laís. Mas teve a maior surpresa.

— Ciro!... Como você está horrível! O que aconteceu?

— Uma história incrível, Roxana! Mas, cadê o papai? O recepcionista falou que você ia me contar tudo. Tudo o quê?

E enquanto Roxana repetia para o irmão toda aquela história triste, Laís já havia saído do quarto da japonesa e encontrava-se na cafeteria.

"Ótimo, estou com sorte, Tufik não está mais aqui", pensou.

Ela sabia que em algum canto daquela sala tinha um telefone.

"Qual é mesmo o número do quarto deles? Acho que é três, zero, três...", continuava pensando.

Pegou o aparelho e ligou para os americanos.

— Mrs. Mary, aqui é da recepção. Estou chamando para avisar que o seu vôo para Assuã vai atrasar uns quinze minutos!

— Mas nós não vamos para Assuã — respondeu a americana, surpresa com a notícia.

— Oh, desculpe! Devo ter me enganado.

No quarto, Roxana continuava colocando o irmão a par dos fatos. Falava agora sobre a chegada de Laís.

— ...só que ninguém pode saber que ela é nossa mãe. Caso contrário, o inspetor vai atrapalhar o plano. E eu acho...

Mas Roxana não conseguiu dizer o que achava, porque alguém bateu à porta.

— É ela! — exclamou a menina. — Vamos fazer uma surpresa! Se esconde no guarda-roupa, rápido!

Superagitada, Laís entrou falando, nervosa:

— Ainda não consegui entender o desaparecimento de Ciro, mas já sei quem mandou roubar a coroa!...

E nesse instante, abrindo a porta do armário, Ciro gritou junto com a mãe.

— Foi Tomiko!

31. POR CAMINHOS DIFERENTES

— Como vocês sabem? — perguntou Roxana, emocionada, curiosa, tudo junto.

— Ciro! — gritou Laís, correndo para abraçar o filho. — Você está bem?

— Estou sim, ainda mais agora que você está aqui!

— Roxana já te falou do segredo?

— Já! Pode deixar, eu não vou dar bandeira!

— Você está imundo, por onde andou? Como sabe de Tomiko? Foi ela quem te seqüestrou? — Laís fazia uma pergunta atrás da outra, mal dando tempo para Ciro responder.

Na mente do menino, as peças de um complicado quebra-cabeças juntavam-se rapidamente. Era difícil montar um enredo com começo, meio e fim. Mas ele se esforçava, tentando compor um painel.

Os raios da lua ajudavam a ligar os fatos, desde São Paulo, iluminando quilômetros de telhado. No hotel, em Londres, atravessando a janela e acariciando o seu rosto como se, desde então, já quisessem cochichar um segredo em seu ouvido. Depois, aquele misterioso deus-falcão, sempre presente em forma de estátua, ou mesmo feito pássaro, pairando sobre seus sonhos e indicando o alçapão. Khonsu, a divindade lunar que ele não conhecia, mas com a qual inconscientemente se ligava.

E foi na Tríade Tebana, na sala do filho de Amon e Mut, que uma pedra do chão se soltou, revelando o subterrâneo de sua alma. Ciro caiu, desacordado, e reviveu imagens nítidas, quase reais, a ponto de confundir.

— Eu imaginava ter descido os degraus, mas não havia escada nenhuma naquele buraco... — e Ciro resumiu a sua experiência.

— Quer dizer, então, que a princesa era Tomiko? — comentou Laís, impressionada com toda aquela história.

— E o coração do faraó era mais pesado do que a pluma? — perguntou Roxana.

— Era! — confirmou Ciro, respondendo às duas perguntas de uma só vez.

E continuou, recordando o seu sonho.

— Foi aí que aconteceu a maior confusão. Mary, a rainha-mãe, começou a gritar: "Meu filho, meu filho! O que você fez de errado?... Agora sua alma vai ficar vagando sem descanso!"

— Nossa, que horror! — exclamou a garota.

— O Grande Sacerdote — retomou o menino —, que era Charles, deixou o Templo, indignado. Annie e Tina, as sacerdotisas, aproveitaram para se banhar no óleo sagrado, que Dave, o escravo, havia abandonado para ir chorar sobre o corpo estendido de Michael, o faraó...

— E daí? — indagou a mãe, arrepiada.

— Daí que no meio de tudo isso a princesa Tomiko aproveitou para roubar a coroa e sair correndo e eu pensei que tinha decifrado o enigma. Mas foi então que eu acordei com a sensação de que o sonho não tinha terminado e que a esfinge continuava insatisfeita. Só que agora estava menos irônica e repetia baixinho: "Decifra-me ou te devoro".

— Você conseguiu perceber se o faraó era Tutancâmon? — perguntou Laís, arriscando um palpite para o enigma da esfinge.

— Não, isso não ficava claro!

— O mais importante é que foi Tomiko mesmo quem roubou a coroa! — continuou a jornalista.

— Como você descobriu? — perguntou o garoto.

Ciro e Roxana estavam loucos para saber.

— Ontem de manhã, eu descobri que um dos ladrões no museu era o tal de Omar, garçom no restaurante Faraós do Nilo. O mesmo para quem você pediu que entregasse o bilhete ao inglês, Roxana! Só que ele não entregou... Morreu com o papel no bolso, num tiroteio com a polícia, no Cairo Islâmico!

— E eu achando que o Michael estava fingindo! — exclamou a garota.

— Depois... — Laís retomou —, o nervosismo de Said, quando me viu consultando as fichas dos clientes na Green Valley, me deixou intrigada. Com os dados dos turistas na mão, liguei para São Paulo e pedi que dessem uma busca nos arquivos do jornal. Como eu disse antes, tive a impressão de que já tinha lido a respeito de algumas daquelas pessoas. Na mesma noite fui jantar no Faraós do Nilo, e numa conversa com o porteiro ficou claro que Medina, o dono da casa, também estava envolvido.

— E daí? — perguntou Ciro.

— Bom, eu cheguei em Luxor pela manhã, e estava aqui no hotel quando Péricles foi preso. Aí soube do seu desaparecimento, meu filho!... Nossa, nem parece que tudo isso aconteceu hoje!

— Mas como você concluiu que era a japonesa? — insistiu o menino.

— Eu procurei Roxana e ela me contou tudo sobre a viagem. Com as descobertas que tinha feito no Cairo, mais as informações que vieram de São Paulo, percebi que estava chegando perto. Quando Roxana me confirmou que os ladrões correram em direção ao estacionamento e disse que um deles quase foi atropelado na avenida principal, notei que esse caminho era o mesmo que eu havia feito ao sair do Museu do Cairo para ir à agência de viagens, que fica ali perto...

— Sabe que eu não tinha me tocado disso! — observou Roxana, enquanto Laís continuava contando.

— Então, eu imaginei que o ladrão poderia ter se escondido na Green Valley, e por isso havia sumido tão rapidamente. Eu estava começando a montar uma quadrilha: Omar, Medina e mais alguém da Green Valley. Todos trabalhando para algum dos turistas. Mas qual deles?... Michael e Dave estavam descartados de cara. Porque não receberam o bilhete e porque eu acreditei na sua intuição, minha filha...

Laís levou a mão ao queixo de Roxana.

— E, seguindo a minha intuição, armei uma isca para as neozelandesas...

— Que até agora eu não entendi! — protestou Roxana.

— Você havia me contado uma conversa que ouviu na piscina, entre Tina e Annie, lembra?

A menina se lembrava.

— Elas falavam que faltava uma boneca e que tinham ficado de entregar aqui.

— Isso mesmo! — confirmou Laís. — Eu entreguei a boneca que faltava, com um bilhete falsamente assinado por Tufik. Escrevi que a remessa estava comprometida por causa dos acontecimentos e que elas deveriam procurar o guia no saguão, naquele mesmo instante, para receber instruções.

— Já sei! — deduziu Ciro. — Você imaginou que elas estavam traficando drogas e fez com que pensassem que Tufik fosse o contato.

— Exatamente, e era por isso que elas estavam com medo na hora que o delegado Farid segurou vocês aqui em Luxor. Eu logo saquei que eram muito ingênuas e que o negócio delas era droga mesmo. Não tinham nada a ver com o roubo da coroa. Não sei como a polícia não desconfiou... Também, pudera, do jeito que eles fazem investigação aqui, não se podia esperar outra coisa!

— Puxa vida! — exclamou Roxana. — E se elas forem traficantes, a essa altura já se entregaram direitinho para Tufik, que nem duas tontas.

— Talvez não sejam comerciantes de drogas — acrescentou a mãe.
— Mas que elas estão comprando, estão. Porque Annie atendeu prontamente ao chamado... Vamos aguardar e ver o que acontece!

— Mas você ainda não terminou — lembrou Ciro.

— Onde eu estava mesmo?... Ah, sim, daqui de Luxor liguei novamente para o jornal em São Paulo e soube que Charles Smith, é esse o nome inteiro dele, está se candidatando a governador da Califórnia. Acontece, porém, que ele é casado e Mary não é a esposa dele. Por isso que eles diziam que eram australianos, para não chamar a atenção da imprensa. Essa viagem de "lua-de-mel" com a amante poderia causar problemas nos Estados Unidos e prejudicar a sua candidatura.

— Ah, que gozado! — disse Ciro. — Superpateta para governador!

— E a tia Barbie nem vai poder ser a primeira-dama, que pena! — brincou Roxana.

Laís também riu e continuou contando:

— Pelo jornal, fiquei sabendo também que Tomiko era, ou ainda é, amante de um ex-alto funcionário do governo do Japão. Ele esteve envolvido num escândalo financeiro e, atualmente, é dono de uma grande editora, especializada em guias turísticos. Então eu pensei: dono de editora especializada em guias turísticos deve gostar muito de antigüidades. Mesmo assim, ainda tinha dúvidas. Só tive certeza mesmo da culpada quando descobri que apenas Tomiko viajaria para Assuã, e Said havia me dito, sem querer, que no final da excursão iria buscar o grupo naquela cidade. Finalmente, eu fiz a ligação. Era ele o contato na Green Valley, confirmando minha teoria de que foi lá na agência que o ladrão se escondeu, depois do roubo. Amanhã Tomiko estará em Assuã para receber a coroa das mãos de Said.

E terminando sua exposição, Laís acrescentou:

— Foi por isso que eu achei muito curioso o seu sonho, Ciro, quando você disse que Tomiko era a princesa de Assuã!

32. CADA MOMENTO, CADA EMOÇÃO

Conversando ainda mais um tempo, Laís, Ciro e Roxana confirmavam, cada vez mais, a exatidão das investigações. Relembaram o restaurante na estrada de Mênfis, cujo proprietário era Medina, o mesmo do Faraós do Nilo. Péricles, inclusive, havia notado a intimidade dele com Said.

E falando em Said, entenderam por que o guia turístico tinha se apressado em pegar o braço da cadeira de rodas no Museu do Cairo,

embaralhando de propósito as impressões digitais. Talvez até o empurrão em Tomiko tivesse sido premeditado, junto com os ladrões. Colocando-se na posição de vítima, a japonesa pensava estar fora de qualquer suspeita. Sem esquecer o fato de que ela foi a última a entrar no trem para Luxor, porque se atrasou conversando com Said na estação. Certamente, estavam combinando os últimos detalhes da trama.

Outra evidência, ainda, era a autoridade com que Tomiko se dirigiu a Tufik na Cidade dos Mortos, ameaçando o guia, este sim inocente, de perder seu emprego.

De repente, o telefone tocou, assustando os três. Roxana foi atender.

— Sim... Um momento, por favor!

Tapando o bocal do aparelho, ela esclareceu:

— O inspetor está aqui no hotel; quer falar com Ciro!

— Mas Ciro não pode ir assim — falou Laís. — Tem de tomar um banho, trocar de roupas. Diga ao inspetor que ele desce em quinze minutos.

Enquanto Ciro se aprontava, Laís ia dando algumas orientações.

— Roxana, você vai com ele. E aproveita para ver se percebe algum movimento de Tufik com as neozelandesas!... E lembrem-se, vocês dois, ninguém deve saber que eu estou aqui. Agora que Tomiko já me conhece, pode estragar tudo. Vão depressa, já são quase dez e meia da noite e o pessoal deve estar deixando o hotel.

— E você vai deixar a japonesa fugir? — perguntou a garota.

— Ainda não tenho provas! Mas vou pensar numa saída. — E os dois iam saindo, quando ela se lembrou de falar mais uma coisa.

— Ciro, não conte nada do seu sonho para o inspetor, está bem?

E o menino desceu.

Kalil perguntava muitas coisas e muito rápido, no seu inglês mal falado. Ele parecia mesmo acreditar que Péricles havia planejado o seqüestro do próprio filho.

— Mas eu já expliquei para o senhor! — dizia Ciro. — Eu me perdi numa daquelas galerias subterrâneas e demorei a encontrar a saída. Foi só isso!

Roxana não pôde entrar na sala em que os dois conversavam. A recepção do hotel estava praticamente abandonada. Mas através do vidro da porta, ela notou um movimento lá fora.

Um carro de polícia acabava de sair levando as neozelandesas. E ouvindo conversas daqui e dali, a menina compreendeu que Tina e Annie eram viciadas em cocaína.

Tomiko aguardava o carregador ajeitar suas bagagens no portamalas de um táxi. Sentindo-se traída, Roxana olhava, inconformada consigo mesma por já ter, em algum momento, admirado aquela japonesa.

Charles, Mary, Dave e Michael embarcavam no ônibus da Green Valley, em direção à estação ferroviária. O trem para o Cairo partiria logo mais. O mesmo que ela deveria tomar, se tudo tivesse transcorrido normalmente.

Roxana permanecia sozinha, no passeio. Num rápido relance, ela imaginou estar sendo observada por Michael. E não acreditou que pudesse ser verdade. Só ficou certa disso quando, através da janela do ônibus, que partia, o inglês acenou com um sorriso e uma piscadela de olhos.

Cabisbaixa, a garota entrou para o saguão tentando recordar cada momento, cada emoção que o rapaz havia lhe proporcionado. Momentos doces, momentos tensos que jamais voltariam, assim como aquele rosto que ela nunca mais iria rever.

Ciro a encontrou andando lentamente no hall de entrada. Correu até ela, ansioso para contar as coisas que o inspetor dissera. Conversando, os dois passavam pela recepção quando um dos funcionários chamou a menina:

— Ei, Roxana, deixaram isso para você!

Espichando o olho por cima do braço da irmã, Ciro logo descobriu.

— É um bilhete de Michael!

E a garota foi logo abrindo o papel.

"Roxana,

Foi uma pena todos nós estarmos tão tensos nessa viagem. Eu e Dave, principalmente, estávamos com muito medo de nos metermos em mais uma confusão. Estamos complicados com a justiça da Inglaterra, em virtude de um quebra-quebra do qual participamos numa cidade do interior. Briga de torcidas num jogo de futebol.

Além disso, nossa fama não é das melhores, por causa das coisas que a gente vive aprontando só para se divertir, como aquele roubo do casaco, que você assistiu em Londres. Pois é, a barra tava pesando, e a gente resolveu viajar.



*Através da janela do ônibus, que partia,
Michael acenou para Roxana com um sorriso e uma piscadela de olhos.*

Vou embora um pouco alegre e um pouco triste. Alegre, porque senti muito carinho em seu olhar. E triste com o bilhete que você tentou mandar para mim e acabou complicando o seu pai.

Tenho certeza de que ele não é culpado de nada e logo isso vai ficar provado. E se você quer um palpite, fique de olho em Tomiko. Na minha opinião, ela é que é a ladra.

Abaixo vai o meu endereço. Escreva para mim quando chegar no Brasil.

Um beijo,
Michael"

33. UM PLANO MUITO PERIGOSO

Laís esperava os filhos no quarto, arquitetando um plano que ela só concluiu depois de ouvir as notícias que o menino trazia.

— O inspetor disse que papai será transferido para o Cairo. E que eu e Roxana também iremos, para ficar na casa do cônsul brasileiro.

— Isso é ótimo! — disse a mãe. — Eu também vou para o Cairo amanhã. E, se encontrar passagem, vou no mesmo vôo que vocês.. Nós vamos fazer o seguinte: vamos deixar Tomiko desfrutar do passeio em Assuã e botar as mãos na "sua" valiosa coroa. De qualquer jeito, ela terá de passar pelo Cairo para sair do país. Acho que o mais difícil vai ser descobrir por qual companhia aérea ela viaja .

Mas, ao ouvir isso, Ciro lembrou:

Eu sei qual a companhia aérea! Eu vi uma passagem na mão dela, no restaurante em Mênfis! O logotipo era da Japan Airlines.

— É tão óbvio que nem parece verdade! -- comentou a jornalista.

— Mas é verdade. Eu tenho certeza! confirmou Ciro, meio magoado.

— Eu acredito! — Laís se apressou em confortar o filho, e continuou: — Mas agora vamos combinar uma coisa...

Quando a mãe terminou de falar, Roxana estava apavorada.

— Nossa, isso vai ser muito perigoso!

Ciro, ao contrário, parecia vibrar com o plano.

— Ué, mas a gente não disse, lá no Indiana Hotel, que ia viver uma aventura de mistério e suspense, enfrentando bandidos perigosos!?

— Ah, Ciro, não sei como você pode brincar numa hora dessas! — reclamou a irmã.

Laís sorriu, mas no fundo estava mesmo nervosa. Fez questão de lembrar, mais uma vez:

— Não se esqueçam! Se amanhã cedo eu estiver no aeroporto e embarcar no mesmo avião, vocês devem fingir que não me conhecem.

E na manhã seguinte já estava tudo acertado com a mãe, quando os filhos reencontraram Péricles.

Escortado por Kalil, o professor chegou ao hotel numa viatura da polícia. Ele estava muito abatido, embora tivesse conseguido relaxar um pouco durante a noite. Farid havia sido gentil em avisá-lo sobre o aparecimento de Ciro.

Ciro e Roxana foram conduzidos para o interior da mesma viatura, no banco de trás, junto com o pai. Na frente iam o motorista e o inspetor.

Não se preocupem — disse Péricles, assim que os filhos entraram no automóvel. — Lá no Cairo daremos um jeito de falar com o cônsul e ele há de nos arranjar um bom advogado. Logo tudo estará resolvido.

Ciro e Roxana se entreolharam, ansiosos para contar os últimos acontecimentos. E precisavam ser rápidos, antes que o pai encontrasse a mãe no aeroporto, para onde estavam indo.

Ciro começou primeiro, esclarecendo o seu desaparecimento. Roxana continuou, falando sobre a chegada e as investigações de Laís.

— O que, Laís está no Egito!?

Péricles se surpreendeu.

Kalil parecia perceber os ânimos alterados dos brasileiros.

— *What are you planning?* perguntou, virando-se para trás.

— Nós não estamos planejando nada! — Roxana se apavorou.

Por um instante, a menina teve a impressão de que o inspetor estava entendendo o que eles diziam em português. Mas logo percebeu que isso era mesmo impossível. E continuou contando os fatos para o pai.

O professor ia arregalando os olhos e ficou mesmo em pânico quando soube das intenções de Laís.

— Mas esse plano é muito perigoso! Eu não posso permitir que ela faça uma coisa dessas!

A perturbação de Péricles chamou, novamente, a atenção de Kalil, já desconfiado de alguma coisa.

— Não estou gostando nada dessa conversa aí atrás. Acho bom ficarem em silêncio.

E os brasileiros se calaram o resto do tempo. A viagem de volta para o Cairo foi tensa para todos. O investigador sentou-se ao lado de Péricles. Ciro e Roxana ficaram nas poltronas logo atrás. Laís, outra vez disfarçada de turista, já estava na última fila do avião. E foi só no desembarque que o professor conseguiu, de relance, olhar para sua ex-mulher, escondida atrás dos óculos escuros e do chapéu de verão.

34. MINHA AMIGA DO JAPÃO

No Cairo, pai e filhos se separaram. Péricles foi levado para a prisão, sempre reclamando a presença do cônsul. Enquanto Ciro e Roxana eram instalados no setor residencial do consulado brasileiro.

— Acho que o papai quer contar tudo o que nós falamos para o cônsul — comentou Roxana com o irmão.

— Fale baixo, Roxana! Aqui todo mundo entende português! — advertiu Ciro.

De fato, agora eles estavam sob a proteção de Helena, uma funcionária brasileira do consulado. Ela os recebeu e mostrou o quarto em que deveriam ficar.

— E quer saber de uma coisa? — continuou a menina, quando a moça se retirou. — Eu acho que ele deveria contar mesmo! Pode acontecer alguma coisa ruim com mamãe!

— E se atrapalhar tudo?...

Mas, nesse instante, Laís já estava na rua, colocando seu plano em ação. Na agência da Japan Airlines, tentava verificar a lista de passageiros. Porém, a funcionária se negava a prestar informações. E a jornalista estava na dúvida se devia ou não oferecer propina. A moça, que também era japonesa, tinha um jeito de quem podia se ofender e botar tudo a perder. Por fim, Laís resolveu apelar para o lado emocional.

— Sabe o que é? — dizia. — Tomiko Yamamoto ficou minha amiga quando estive no Brasil. E nós combinamos de nos encontrarmos aqui no Egito, para irmos juntas ao Japão. Acontece que eu me perdi dela e sozinha naquele país não saberei o que fazer...

Depois de muita insistência, a japonesa resolveu consultar o computador.

— Realmente, temos uma reserva em nome de Tomiko Yamamoto para o vôo de amanhã de manhã, às nove horas.

— Muito obrigada! Graças a você vou poder reencontrar minha amiga.

E Laís saiu dali direto para o aeroporto. Segundo seus cálculos, Tomiko chegaria de Luxor num vôo doméstico, provavelmente uma hora antes do embarque, para se apresentar no balcão da Japan Airlines. Uma vez conferida a passagem, a japonesa teria de atravessar todo o saguão e tomar a escada rolante para o pavimento superior, onde ficam a alfândega e os portões da ala internacional.

No interior do edifício, um imenso vão livre central parecia arquitetado especialmente para facilitar o plano da jornalista. Ao chegar o trajeto, Laís percebeu que da grade do mezanino poderia obter uma excelente visão da entrada e saída dos passageiros.

"É aqui que eu vou estar amanhã", pensou, encontrando um vaso de plantas bem alto, que serviria de esconderijo.

O sol se punha por trás das pirâmides, trazendo um final de tarde quente e agitado. O trânsito ficando cada vez mais engarrafado por causa do horário do rush. E foi só nesse momento, depois do expediente, que o cônsul conseguiu se desvencilhar dos seus compromissos e ir visitar Péricles na cadeia.

Preocupado com Laís, o professor acabou mesmo contando todo o plano e pediu proteção para a jornalista.

35. UM PACOTE PARA PRESENTE

Muitas pessoas transitavam pelo aeroporto às oito horas da manhã. Aviões decolando e aterrissando em intervalos de poucos minutos. Do piso superior, Laís observava o vaivém de passageiros, escondida atrás de uma comigo-ninguém-pode gigante. Realmente, planta de nome bem sugestivo para a ocasião. Autoconfiança era a coisa que ela mais precisava, naquele momento.

Tomiko deveria chegar pela porta dos vôos domésticos, e era naquela direção que a jornalista se concentrava, procurando agir com naturalidade, para não despertar a suspeita de quem passava por ali: viajantes de todas as espécies, além de funcionários e o pessoal da segurança.

Um imenso relógio na parede marcando cada minuto. O tempo avançando lentamente.

— "Atenção, passageiros, para a primeira chamada do vôo um-zero-três da Japan Airlines com destino a Tóquio. Favor embarcar no portão número seis" — anunciava o serviço de alto-falante.

E nada de a japonesa aparecer. Laís suava, apesar do ar refrigerado. "Será que ela pressentiu alguma coisa e mudou seus planos de viagem?... Ou foi a moça da agência que me deu informação errada?"

Seus pensamentos fluíam cada vez mais acelerados, tão acelerados quanto os passos de Tomiko, dirigindo-se para o balcão da companhia. Com a bolsa e a máquina fotográfica a tiracolo, trazia nas mãos uma bela caixa de presente, amarrada com um laço de fita.

"É ela!", exultou a jornalista, tomando fôlego para agir. O serviço de alto-falante anunciava mais uma vez: "Atenção, passageiros, esta é a última chamada do..."

Tomiko atravessa o saguão.

"... vôo um-zero-três da Japan Airlines..."

Tomiko toma a escada rolante.

"... com destino a Tóquio..."

Laís, na espreita, abandona seu esconderijo.

"... Favor embarcar no portão número seis."

A japonesa se preparava para saltar o último degrau quando viu a jornalista no final da escada, bloqueando a passagem. Tomiko ainda tentou dar meia-volta e descer, mas a escada estava entupida de gente. Não vendo outra saída, empurrou a brasileira com toda a força e começou a fugir, sem direção, rodeando a grade do mezanino.

Recuperando-se do empurrão rapidamente, Laís saiu atrás dela em meio ao grande tumulto que já se formava no aeroporto. Sem entender direito o que estava acontecendo, a polícia corria atrás das duas, embaralhando ainda mais a perseguição.

De calça jeans e tênis, a jornalista alcançava grande velocidade, enquanto Tomiko perdia terreno, no seu conjunto de saia justa e seus sapatos de salto alto. E Laís ia chegando perto, cada vez mais perto. Apavorada, a japonesa acelerou o passo, segurando a caixa ainda mais firme, com as duas mãos. Sempre correndo e sempre olhando para trás, ela não percebeu o final do pavimento, protegido apenas por um gradil, muito baixo.

Laís estancou bruscamente. E, de Tomiko, só se ouviu um último grito de horror, antes de despencar lá de cima e atingir, já sem vida, o piso do saguão, com caixa, bolsa e máquina fotográfica.

Os guardas imediatamente agarraram a jornalista, no exato instante em que Kalil chegava, um tanto atrasado, para dar-lhe proteção.

— Abra aquele pacote! — gritou Laís.

O inspetor rasgou o embrulho, e lá estava a coroa de Tutancâmon.



Perseguida por Laís, Tomiko começou a fugir, sem direção, pelo mezanino do aeroporto.

36. ACABOU O SEGREDO

Sem desgrudar o olho da televisão, Ciro pediu à irmã para verificar de novo o relógio.

— Onze horas, já! — respondeu Roxana.

E os dois tentavam esconder a angústia, assistindo um desenho animado dos mais chatos e, ainda por cima, dublado em árabe.

— Eu não agüento mais esperar! — desabafou a irmã, dirigindo-se para a janela do quarto.

Carros e mais carros começavam a estacionar em frente ao consulado. Imprensa e polícia chegando junto.

— Ei, Ciro, venha cá, depressa!...

O menino se levantou de um salto, no mesmo instante em que a televisão interrompia sua programação normal para entrar com um plantão de notícias, desta vez em inglês.

"Jornalista brasileira esclarece o caso da coroa de Tutancâmon e liberta ex-marido. Maiores informações logo mais no Jornal da Noite."

— Ela conseguiu! — Os dois exultaram.

E, através do vidro, eles viram Laís e Péricles saltarem de um automóvel e entrarem no consulado. Sem esperar nem mais um minuto, precipitaram-se para o hall.

— Pai!...

— Mãe!...

E a família se abraçava, rodeada de jornalistas e flashes, que não paravam de disparar.

— Não precisamos mais fazer segredo! — exclamou Roxana. — Todo mundo já sabe que você é nossa mãe!

— E que a Maldição do Faraó continua verdadeira, não é pai? — completou Ciro.

Até Helena, do consulado brasileiro, que passara pouco tempo com Roxana e Ciro, tinha lágrimas nos olhos quando avisou que o doutor Falcão, o cônsul, esperava por eles no gabinete.

— Belo trabalho, cara repórter — disse o diplomata. — Nós também não acreditávamos que o professor fosse culpado e já havíamos entrado em contato com o Itamaraty. Mas, felizmente, a senhora foi mais rápida e, além de salvar Péricles, recuperou um dos mais importantes tesouros

do Egito. Tenho certeza que o governo e o povo deste país lhe serão eternamente gratos por isso.

Ciro saiu da sala um pouco intrigado. "Cônsul! Khonsu!" Só agora refletia sobre isso: "Que palavras parecidas!"

Doutor Falcão tinha uma cara redonda como a lua, o nariz curvo e pontudo como o bico de uma ave.

37. CIRO DECIFRA O ENIGMA

— Foi dali que Tomiko caiu! — apontava Laís, contando para Péricles e os filhos toda a aventura do dia anterior.

No aeroporto, o professor mantinha o tempo inteiro o braço sobre os ombros da jornalista. Roxana e Ciro cochichavam uma esperança.

— Será que dessa vez eles voltam? perguntou a irmã.

— Tomara! — o irmão suspirou.

Mas não era nada disso que se passava pela cabeça dos pais. Há tempos que a paixão os havia abandonado, abrindo espaço para um amor fraterno, eterno e cheio de carinho.

— Agora eu vou curtir minhas férias! esclareceu a mãe. — Quero ver as pirâmides, Mênfis, Sakkara e, quem sabe Assuã. Eu mereço, vocês não acham?

— Claro, mãe! — concordou a filha, atravessando o portão da alfândega.

— Tchau, mãe! — Ciro se despediu com um longo abraço.

— Tchau, Laís! E, mais uma vez, muito obrigado! — Péricles deu um beijo no rosto da ex-mulher.

Dentro do avião, as comissárias altas, loiras e bonitas da KLM faziam seu trabalho.

— *This way, this way!* — diziam, sorridentes, ajudando os passageiros a encontrar seus lugares.

Urna delas passou entregando um jornal egípcio, mas editado em inglês.

— Veja, Ciro! É aquela fotografia de Mênfis! — reconheceu a garota. — Eles utilizaram os filmes da japonesa.

Com exceção de Péricles, que ficara conversando com Said, e de Roxana, que bateu a foto, lá estava o grupo reunido, na primeira página do diário. Michael, no centro, Mary e Charles, mais altos, atrás. Tomiko e

Dave, do lado esquerdo. Annie e Tina à direita. Ciro, no chão, sentado em posição de lótus com os joelhos dobrados E, acima de todos, a grande esfinge de alabastro.

Ciro olhou tanto para o retrato que, ao dormir durante o vôo, acabou sonhando outra vez que era o escriba da corte E o sonho recomeçava exatamente de onde havia parado: a princesa de Assuã roubando a coroa e fugindo em disparada Na imensidão do deserto, uma mulher, agora, corria atrás dela, surgindo sem que o menino pudesse ver de onde. Mas duas coisas ficavam bem claras: essa mulher era a irmã do rei morto e, ao mesmo tempo, Laís. Conseguindo capturar a princesa e reaver a coroa, ela se tornaria rainha de todo o Egito. E lançaria uma maldição:

"Aquele que tocar nos tesouros do jovem faraó, meu irmão, estará condenado a morrer antes do seu tempo de forma trágica e inesperada!"

A grande esfinge diminuía de tamanho, encolhendo, encolhendo até se transformar numa dócil gatinha a lamber os pés do garoto No céu, o amigo falcão rodeava em vôos rasantes emitindo grunhidos de contentamento

Ciro abriu os olhos, ainda com a impressão de estar vendo o pássaro sobre as nuvens, batendo as asas num último adeus, do lado de fora do avião.

— Decifrei, Roxana, decifrei! — gritou o menino, já totalmente desperto. — Mamãe era uma rainha!

FIM